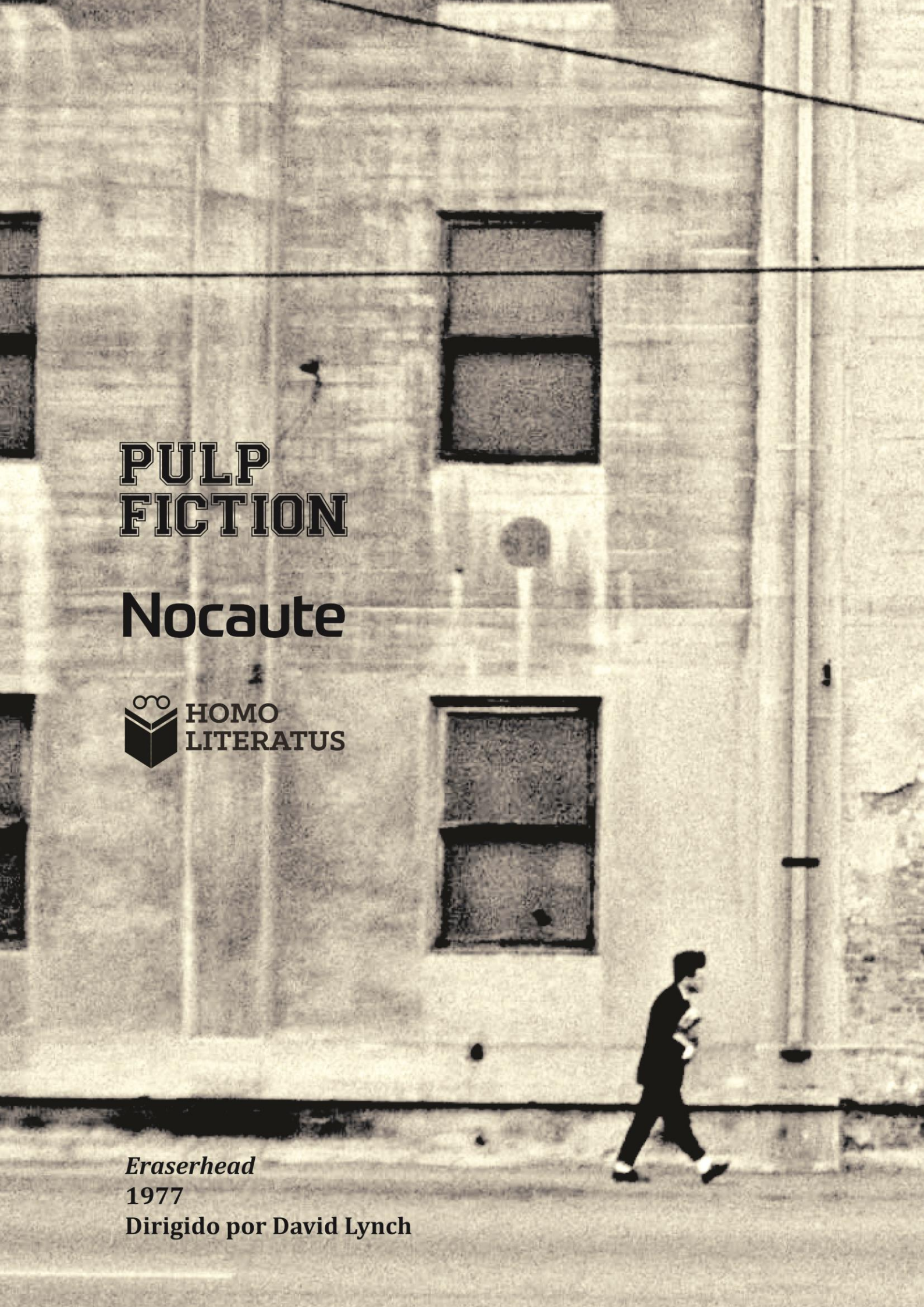


PULP FICTION

REVISTA DE CONTOS/ 3ª EDIÇÃO
TEMA: DAVID LYNCH/SURREALISMO
JUNHO DE 2016

ARNALDO PAGANO
CIRO CANGUSSU
CLARA MADRIGANO
CLÁUDIA DUGIM
DANIEL GRUBER
ERIC NOVELLO
JEFFERSON FIGUEIREDO
ULISSES NEVES CORRÊA
VALTER DO CARMO MOREIRA
VILTO REIS
VIRGINIA CUNHA BARROS



**PULP
FICTION**

Nocaute



**HOMO
LITERATUS**

Eraserhead

1977

Dirigido por David Lynch

EDITORIAL

O legal de se fazer os planos de uma revista de contos é que nem sempre as coisas saem da maneira que desejamos. Antes tarde do que nunca, conseguimos colocar esta terceira edição da Pulp Fiction no ar.

Agradeço a todos que enviaram seus contos para mais esta edição. Não foi em vão. Nunca antes na história desta revista foi tão difícil selecionar os dez escolhidos para publicação – ou seja, vocês estão se puxando. Foram duzentos e tantos contos, o que mostra que ninguém perdeu a empolgação.

Aos que não tiveram seus contos selecionados, deixo o recado: continuem a mandar contos, pois só a prática leva a perfeição.

Na última página, você encontrará o tema do próximo número da revista.

Continuaremos abertos a futuras publicações, pedimos mais uma vez que, por gentileza, evitem plágios, pois poderá nos acarretar futuros problemas – nunca é demais repetir.

Acima de tudo, tentaremos mais do que nunca ser trimestrais.

Enquanto revista, a PULP FICTION não tem interesses financeiros, antes ser espaço para escritores em busca de visibilidade para seus textos.

Uma última novidade: esta edição estará disponível na AMAZON (grátis), para quem prefere a leitura no Kindle, e também no SKOOB, para que vocês avaliem os contos.

Agora é só ler e se divertir.

EDITORES:

Jefferson Figueiredo
Vilto Reis

REVISÃO:

Clara Madrigano
Walter Bach

CAPA E PROJETO GRÁFICO:

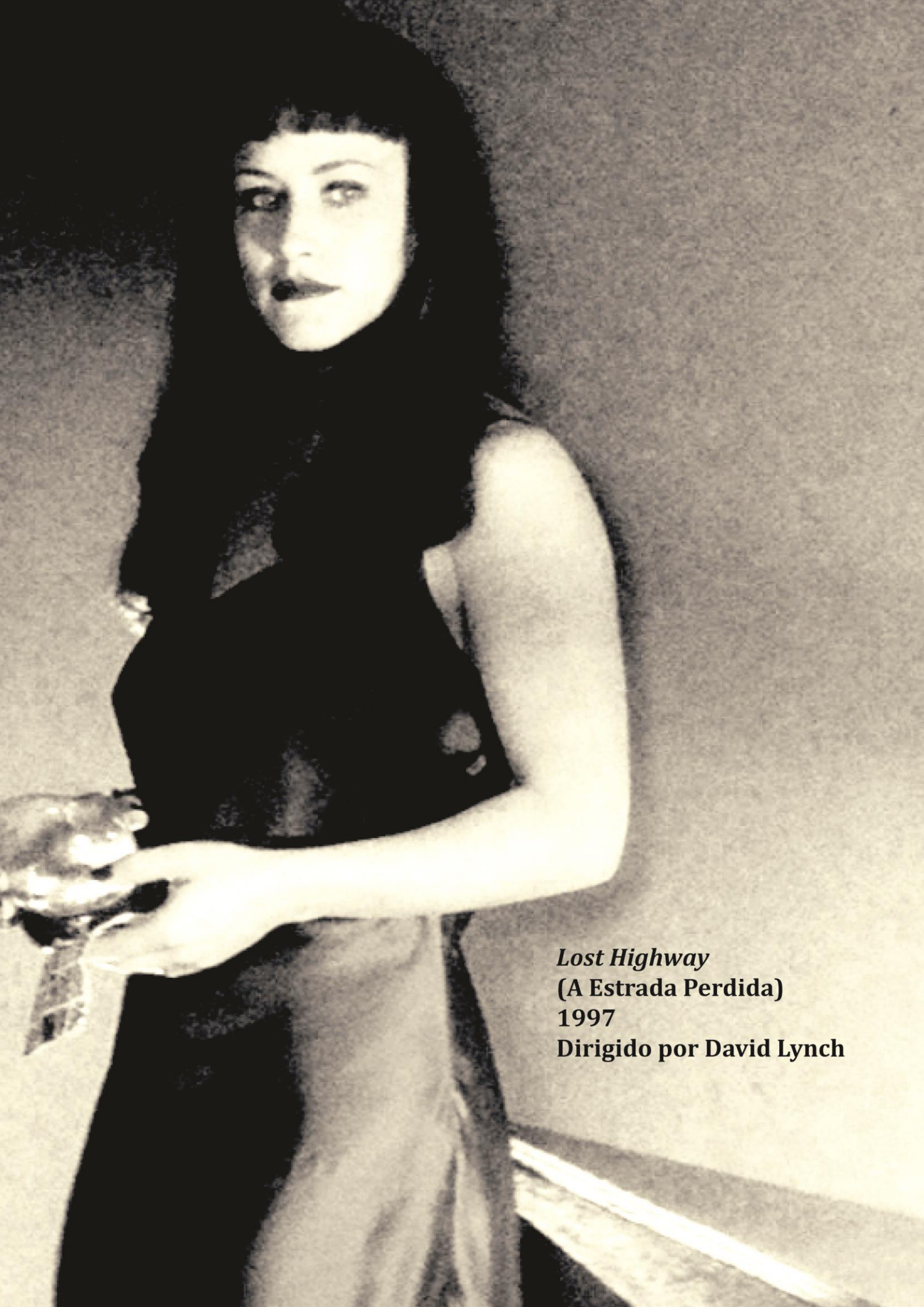
Vilto Reis

REALIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Homo Literatus
Editora Nocaute

ÍNDICE

CARNEIROS TAMBÉM FAZEM AMIGOS Por Ciro Cangussu	06
CAVALO MONTA CAVALO Por Vilto Reis	10
CORAÇÃO DE VENTO Por Virginia Cunha Barros	18
ENTRA E FECHA A PORTA SEM OLHAR PARA OS LADOS Por Jefferson Figueiredo	22
ENTRE SÓLIDOS, GELATINA Por Cláudia Dugim	28
ESQUEÇA BENTHAM Por Arnaldo Pagano	35
O DEUS RETORNADO Por Clara Madrigano	41
O CAMINHO DO HERÓI Por Daniel Gruber	52
O MUNDO DE DEYLIAN CARTER Por Ulisses Neves Corrêa	60
PROMOÇÃO Por Eric Novello	64
ESPECIAL:	
RAPSÓDIA Por Valter do Carmo Moreira	71
TEMA DA PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA	78



Lost Highway
(A Estrada Perdida)
1997
Dirigido por David Lynch

CARNEIROS TAMBÉM FAZEM AMIGOS

Por Ciro Cangussu

Antes de qualquer coisa, preciso lhe contar o que aconteceu comigo, para que perceba o engano e a gravidade de tudo isso. Desse modo, talvez possa me compreender melhor e quem sabe até fazer com que os outros entendam.

Você não pode imaginar o espanto que tomou conta de mim quando, diante do espelho, naquela manhã, vi que meu rosto já não era o mesmo. Durante a noite, antes de dormir, havia percebido que meus olhos estavam diferentes. Mas naquele momento, vi que toda a minha cabeça havia deixado de ser humana. Era a cabeça de um carneiro.

Não sei se o que saiu de mim foi a minha voz, mas me lembro de um urro alto e um soco na pia do banheiro, sem ter certeza se aquela imagem era verdadeira ou o eco de um sonho tenebroso.

“O que foi, Humberto?” Era a voz de Ana Elise, que acabava de se levantar da cama, assustada. Num impulso, virei-me para um canto, cobrindo a cabeça com as mãos, pedindo a ela que se afastasse. “O que foi?”, ela insistia, até que conseguiu fazer com que eu lhe mostrasse o meu rosto.

Ela me analisou com certa preocupação, mas sem demonstrar ter percebido diferença.

“Não vê nada de anormal em mim?” Perguntei, espantado.

Ela balançou a cabeça negativamente. Ainda me observando, disse:

“Deve ter sido um sonho ruim, amor. Vem, vamos nos arrumar.”

Evitei olhar mais uma vez para o espelho, com receio de que a imagem retornasse. Deixei Ana Elise em seu trabalho e fui para o meu, uma construtora na região leste da cidade.

O pavor que havia tomado conta de mim nas primeiras horas do dia começou a se dissipar quando percebi que ainda reinava a normalidade na empresa. Os olhares e sorrisos que me cumprimentavam ainda eram os mesmos. Porém, tudo retornou quando fui ao banheiro e lá estavam, do outro lado do espelho, os mesmos traços ovinos. Ecoou pelo banheiro mais um ruído inumano. Um colega me acudiu, querendo saber o que havia ocorrido. Perguntei se não tinha notado nada de errado em meu rosto e recebi como resposta um tranquilo “não”.

“Você deve estar estressado”, disse ele.

Concordei, não muito convencido. Mas continuei trabalhando, talvez, com muito mais afinho e mais concentrado que em qualquer outro dia. E, ao fim do expediente, voltei para casa mais tranquilo. Se tudo aquilo fosse verdade, o que mais eu poderia fazer?

Ana Elise já havia chegado. Estava com as pernas esticadas no sofá, tomando um pouco de vinho, mas mal a cumprimentei. Fui direto ao banheiro. Comecei a verificar os pequenos tufo de lã em meu rosto e ela me disse que havia pedido comida japonesa, que era o que costumávamos fazer nas sextas-feiras. Peguei uma tesoura e cortei alguns, que caíram sobre a pia. Já mais conformado, sentei-me no sofá e beberiquei o vinho, esperando que a comida chegasse.

Levaram uns vinte dias para que a lã cobrisse toda a minha pele. A essa altura, eu já havia me acostumado por completo à ideia de quase ser um carneiro. Até gostava, na verdade. Especialmente à noite, quando Ana Elise, recostada em meu peito, envolvia os dedos na minha lã enquanto assistíamos TV.

Depois de seis meses, numa manhã de sábado, percebi que meus membros superiores e inferiores também estavam diferentes. Por fim, haviam tomado forma para que se harmonizassem com meu novo corpo.

Claro que tive algumas dificuldades depois disso, especialmente para comer e dirigir. Demorou um tempo para que eu adaptasse minhas pequenas mãos e pés sem dedos aos afazeres do dia a dia e aos controles do meu carro. Esticava os braços o máximo que podia e apertava o volante. Escorregava muito no início, e Ana Elise sempre pedia calma, pois aquilo me estressava. Então pegávamos o metrô. Mas, depois de um tempo, aprendi como segurar a direção. Parece que tudo nesta vida é questão de jeito e de nos acostumarmos.

Mas o que nunca consegui, de fato, foi utilizar os talheres. Passei a comer diretamente no prato, e os líquidos deviam ficar numa vasilha mais larga sobre a mesa, para que eu conseguisse beber. Mas, como tudo, acabei me acostumando e passei a me sentir até feliz com minha nova forma de existência. Porém, depois de uma conversa com meu chefe, acabei chegando a esta situação em que me encontro, e que poderia ter tomado outro rumo, se não fosse sua intervenção.

Como já disse, trabalho numa construtora, sou engenheiro civil. Ontem, o chefe me chamou à sua sala, disse-me que era necessário expandir a atuação do grupo e que eu era a pessoa mais indicada para começar um projeto nesta cidade. Senti que precisava conhecer este lugar antes de iniciar qualquer coisa e decidi pegar a estrada.

Hoje, cheguei ao escritório e organizei algumas coisas antes de fazer a viagem. Entrei no carro e, depois de dirigir por duas horas, atravessei a ponte na entrada da cidade e entrei na avenida que dá acesso às belas casas construídas aqui.

Confesso que, quando li num muro, escrito em grafite, a frase “Aqui sacrificam carneiros”, fiquei apreensivo. Mas respirei fundo e prossegui, confiante de que qualquer mal-entendido seria posto às claras e conseguiria fazer meu trabalho.

Hospedei-me numa pousada a poucos metros daqui. O proprietário, um senhor de semblante muito sério, me atendeu com um assombro nos olhos que eu nunca tinha visto em rosto algum. Também não me disse palavra. Apenas me entregou a chave, e apontou com o dedo a direção do quarto em que eu iria ficar.

Deitado na cama, olhava para o ventilador de teto que girava devagar.

Fui me deixando vencer pelo cansaço e senti meus olhos pesados começarem a se fechar.

De repente, fui acordado por um grupo raivoso. Eram umas onze pessoas, que haviam entrado no quarto arrombando a porta. Me lançavam olhares furiosos, eu ouvia urros e palavras que não consegui identificar. Tiraram-me do quarto à força, me ataram pés e braços e, carregando tochas, saíram me levando pelas ruas com grande alvoroço. Eu lhes dizia que era apenas um engenheiro, que não havia cometido crime algum, mas parece que ninguém ouvia. Remexia meus braços e pernas curtas de carneiro, tentava me desvencilhar das cordas, mas era inútil.

Passamos pelo muro em que eu havia lido a frase grafitada, entramos em outras ruas, até que me levaram à praça principal. Alguém pegou uma tocha e acendeu uma fogueira que já estava preparada. Reuniram-se a alguns metros de mim e começaram a discutir entre eles. Pareciam esperar alguma coisa para que realizassem o sacrifício.

Então, comecei a morder a corda que prendia meus braços, até que o nó começasse a se desfazer. Nisso, apareceram três ou quatro carros e o grupo foi recepcionar as pessoas que chegavam. Pouco a pouco foi se juntando uma multidão próximo à praça e eu, com as mãos já livres, me arrastei até a fogueira. Peguei um tição, apertando-o entre minhas mãos sem dedos e o levei ao nó que prendia as pernas.

Livre por completo, corri como louco, ouvindo gritos enfurecidos atrás de mim. Então, acabei entrando neste beco onde você me encontrou, dando-me guarida em sua casa.

Você agora me olha com espanto, como se essa história fosse difícil de acreditar ou como se nunca tivesse visto um carneiro na vida, mas foi isso que me aconteceu nos últimos dias. Talvez, você nem esteja compreendendo o que eu digo, e não esteja ouvindo mais do que berros. Mas, apesar de tudo que lhe contei, apesar desta minha aparência, eu lhe afirmo que nunca, nunca na minha vida fui um carneiro.

CIRO CANGUSSU é mineiro, servidor público e apaixonado por literatura, música e cinema. Em 2015, publicou seu primeiro livro de poemas, *Travessia*.



The Elephant Man
(O Homem Elefante)
1980
Dirigido por David Lynch

CAVALO MONTA CAVALO

Por Vulto Reis

“Você que é o Flores, e eu que –”

“Entra logo na porra do carro.”

“Vamos falar do caso.”

“Melhor ficar bem claro. Sou homem casado. Tenho duas filhas, tá me entendendo?”

“Boi amarrado também olha, meu bem.”

“Me conta mais sobre você, benzinho. Tamos há três dias trabalhando juntos, e não sabemos nada um do outro. Quer café?”

“Melhor focarmos, saca? Pra acabar logo com isso.”

“Grosso.”

“É só o que me faltava. Vai ficar me olhando com essa cara?”

“Só tenho essa.”

“Mas que merda de profissional você é? Vou pedir uma média com leite.”

“Tá, tudo bem. Aquele troço.”

“Tem nome. Odradek, dizem.”

“Benzinho –”

“Não me chama disso. Já te avisei.”

“Prefere que eu chame de Flores? Bonito esse sobrenome.”

“Duas coisas que não escolhemos na vida. Sobrenomes e as porras das pessoas que colocam pra trabalhar com a gente. Merda.”

“Vai ficar reclamando ou vai ouvir?”

“O que é?”

“Não vai se engasgar. Tenho uma pista.”

“Do Odradek, cacete?”

“Não, de um ingresso pra um sonho gay.”

“Desembucha.”

“Nunca comprou nada do Falco?”

“Tá falando de quem eu tô pensando? Puta que pariu, sou tira. Tá achando o quê?”

“Santo moralismo. Só pra ficar sabendo, ele foi uma das últimas pessoas que viu o Odradek. Até agora seguimos o seu jeito de trabalhar, benzinho. Chegou a minha vez. E vai preparando pra abrir a carteira.”

“Vamos tentar do seu jeito. Só dessa vez.”

“Termina seu café. Vou ali fazer um pipi, e damos o fora.”

“Porra, Perpétua. Sua bicha enrustida do caralho.”

“Já falei que pode me chamar de Peta.”

“Não me disse que Falco parecia um rato. Muito menos, o que eu teria de negociar.”

“Abaixa a bola aí, ou vai dar xabú, meu bem. De barraco, eu entendo.”

“De onde foi que te tiraram, porra? Ahn? Jurei que Falco ia enfiar o nariz no meu cu. Do jeito que encheu a gente de perguntas. E ainda, aquela sala dele. Tinha tudo naquele ninho. O bicho não parava quieto. Não acredito que tem uma mulher tão gostosa como aquela que levou chá pra gente. E viu o que ele tirou da boca, ou do nariz, sei lá? Um doente, Perpétua. Um doente e você levou a gente lá!”

“Não era uma mulher, Flores. Tá vendo coisas. Aposto que nem anotou o que ele disse sobre o Odradek.”

“O que vou dizer pros meus filhos depois do que dei em troca?”

“Relaxa, Flores. É só usar o chuveirinho que a gente fica virgem de novo. Foca no Odradek.”

“Sai da minha frente. Senão vou te encher de porrada, caralho.”

“Amanhã a gente continua então. Vê se deixa essas bolas de molho pra relaxar um pouco, benzinho.”

“Tá mais calmo?”

“Uhm, é. Bom dia.”

“Borrei a maquiagem ontem, sabia? Chorei pacas com as merdas que você me disse. Porra, Flores.”

“Foco, Perpétua. O Odradek.”

“Lembra do que Falco disse?”

“Odradek é estranhamente móvel e não se deixa capturar.”

“Você é bom de memória, Flores.”

“Fiz teatro na escola. Tinha que decorar uns textos enormes.”

“Um pé no teatro, hein? Quem diria. E por que não virou ator? Leva jeito pra garanhão.”

“Ei, nada de assanhamento pro meu lado.”

“Pode deixar, benzinho. Minhas mãos tão algemadas. Minha boca, não.”

“Vamos seguir a pista do Falco? Hoje à noite?”

“Uhm, é um convite?”

“Sem brincadeiras.”

“Sim, talvez esteja com a cantora. Acho que conheço ela.”

“Da onde?”

“Sei lá. Uma vez sonhei que uma mulher cantava num palco. Da cintura pra cima, era toda feminina, mulherão. Mas quando punha uma perna pra frente, meio que saindo pela racha da saia, sabe?, era toda cabeluda por baixo. A voz dela ficava grave quando fazia isso. Era perfeito. E quando penso na Muriela que o Falco falou, imagino ela assim.”

“Você é louco.”

“Louca, benzinho. Ainda não viu nada.”

“Acha que é seguro?”

“Tá com medo, Flores? Vai amarelar?”
 “Só quero saber onde tô enfiando o nariz, cacete.”
 “Fica gelo. Esse é meu território. Eu manjo.”
 “Da última vez que ouvi isso, fiquei com o cu na mão.”
 “Aquele cara ali.”
 “O que tem ele?”
 “Vai ser problema pra gente, benzinho.”
 “O segurança?”
 “Não, a cabocla Jandira. Claro que é o segurança. Onde tá com a cabeça?”
 “Briguei com a Carol hoje.”
 “Quem é essa piranha?”
 “Mais respeito com a minha mulher.”
 “Caramba, Flores. Foca no trabalho.”
 “Tudo bem, tudo bem. Tenho que sumir com esse segurança? É mole. Vai lá e diz pra ele que tá tendo uma briga no banheiro.”
 “Que briga?”
 “A que vou ter com ele, claro.”
 “Dá conta daquela montanha ali?”
 “Sou duro na queda.”
 “Ui.”

“Demorou. Sua boca tá sangrando. Deixa que eu limpo.”
 “Com a manga do vestido?”
 “É vermelho-escuro. Não vai aparecer. Não banca o nojento, tá? Me dá o braço. Vamos entrar no camarim. E não precisa fingir esse desconforto todo.”
 “Vamos lá. Espero que isso nos leve ao Odradek.”
 “Licencinha, Muriela. Você é a Muriela?”
 “Quem são vocês?”
 “Ai, meu Deus! Muriela, somos seus fãs. Vira pra gente, menina. Depois você acaba a maquiagem.”
 “Vão embora.”
 “Tá tudo bem com você, moça? Perpétua, acho que ela não tá bem.”
 “Vão embora.”
 “Muriela, a gente veio aqui flutuando só pra te ver. Você é mais que uma cantora pra mim. É uma sex symbol, tesão, sabe?”
 “Ela vai cair, Perpétua. Vai cair da cadeira, cacete. Ajuda ela.”
 “Muriela.”
 “Vão... em-embora...”
 “Desmaiou, Flores? E agora, o que a gente faz? Não consigo nem chegar perto.”
 “Vamos reanimar ela. Parece fraca. Minha nossa!”
 “O que foi?”
 “Ela.”
 “Fala, Flores. Posso olhar? Não vou vomitar? Pelo seu tom de voz.”
 “Ela tava comendo formigas.”
 “Como disse?”

“Formigas que tirava da própria orelha.”

“Será que é o Odradek? Ele tá por aqui?”

“Lembra quando falamos com Muriela seis meses atrás?”

“Pego esses *hot*, Peta?”

“Ai, minha mãe, será que vou ter que te ensinar tudo? Isso é sushi pra amador. Pega filadélfia e kani. E o que tem a Muriela?”

“Esses aqui? Então, seis meses atrás, ainda não tinha me separado da Carol.”

“E naquela época você ia direto ao assunto. Não ficava cheio desses mal-me-quereres todos.”

“Acontece, Peta, que tô começando a achar que é o Odradek que tá me trazendo essas desgraças todas.”

“Vá tomar bem no seu cuzinho, Flores.”

“Porra, Peta. Perpétua, não dá nem pra passar uma real contigo. Parece que só quer abrir a braguilha das calças alheias.”

“Vamos sentar ali.”

“Na mesa perto do corredor? Será que é uma boa?”

“Presta atenção, Flores. Vamos achar esse caralho desse Odradek, não importa o que aconteça.”

“Tá começando a perder a delicadeza, Peta. Já tá falando igual eu.”

“Foda-se. Não fica se fazendo de vítima, tá bom? O Odradek não tem nada a ver com a sua separação. Muito menos com os acessinhos de violência que impediram você de ver suas meninas. Nem com a queixa daquela piranha da batida policial, que alegou abuso da sua parte. Se perder seu emprego, não é por causa de alguma maldição do Odradek, ok, bonitão? É só por que tamos isolados no chifrudo, sarnento e escroto desse caso. E não tem nada que podemos fazer pra acalmar o puto do delegado que quer comer nosso rabo, senão achar esse troço.”

“...”

“Não fica com essa cara de boteco falido, tá? A pista de hoje é quente, meu bem.”

“Pode deixar. Não preciso de carinho no rosto.”

“Não tá mais aqui quem ajuda. Vamos repassar o caso.”

“Primeiro, Falco. Sua descrição estranha do Odradek como um objeto móvel que não se deixa capturar.”

“Isso, daí chegamos a Muriela. Forcei a barra pra que tivesse um caso com ela. Até que a vadia confessou que o Odradek tava quebrado.”

“Você fez –”

“Deu todo aquele barraco que armei numa crise de ciúmes, mas a informação tava na mão. Daí veio o irlandês, o palhaço comedor de cães, o encantador de ovos, o poeta de lego, a noiva do asfalto e o homem-elefante.”

“Um circo completo.”

“Sem graça, Flores.”

“Bom mesmo esses sushis. Volto pro caso de Muriela.”

“Você sempre volta pra ela. Deve ter pepeca de ouro mesmo.”

“Concentra, Peta.”

“Como foi que você misturou as coisas? Ela era só parte do caso. Não podia deixar que te seduzisse.”

“Você não entende.”

“Manjo mais de prazer do que imagina. Bem mais.”

“Concentra, Peta. Já pedi.”

“Tá, aqui no restaurante do coreano.”

“A única informação que temos é que ele tem três olhos. Só pode ser efeito do Odradek.”

“E o que mais?”

“Dizem que é ninfomaníaco.”

“Vamos pegar ele.”

“Antes que pegue a gente. Quem tem cu, tem medo.”

“Essa voz. Esses gemidos.”

“O que tem, Flores?”

“Parece.”

“Quem? Não me deixa toda curiosa, poxa.”

“Vou derrubar essa porta.”

“Vamos esperar mais um pouco. Vai que depois da transa, dormem.”

“Que nada, vou entrar com tudo.”

“Acha que é Muriela?”

“Não, Peta.”

“Acha sim. Confessa.”

“Tá, pode ser.”

“Vamos entrar, Flores. Meu vestido ficou bonito? Escolhi esse com brilhantes porque emagrece. E a flor de veludo azul na cabeça é. Bom, deixa pra lá. Bora invadir a sala dele.”

“Não consigo ver nada, Peta. Perpétua, onde você tá?”

“A-aqui.”

“Baleado?”

“Baleada.”

“E eles?”

“Mortos, acho. Sei lá, diacho. Tô perdendo muito sangue.”

“Era Carol?”

“Você que tem que dizer, Flores. Nunca tinha visto sua ex-mulher até agora.”

“E o Odradek?”

“Tá aqui, cacete! Tá aqui essa porra! A gente conseguiu.”

“Peta.”

“O que foi?”

“Vem aqui. Quero colocar a mão. Não vejo nada.”

“Deixa eu me arrastar. Espera.”

“Parece feito de pedaços de linha, cortados, velhos, emaranhados e cheios de nós. Como os que minha mãe usava, quando ainda era viva. Tem uma estrela saindo do centro.”

“Flores.”

“O que foi?”

“Não é nada disso. Esse troço lembra mais algo gelado e escuro como picolé, mas é esponjoso, viscoso feito sangue. Um negócio estranho.”

“Carol tá mesmo morta?”

“Você deu alguns tiros nela.”

“E o coreano? Parece que tinha duas cabeças.”

“Usou só uma bala nele. Boa pontaria.”

“Como disse, Peta? Sua voz tá baixa.”

“Tô meio tonta.”

“Peta!? Perpétua. Me escuta.”

“Tá vendo aquele cavalo branco? Não é bonito. Um cavalo montando outro cavalo. É tudo muito lindo.”

“Porra de cavalo nenhum, Peta. Deixa eu chegar mais perto pra te ouvir melhor.”

“Você não vê. Tá ficando cego. É um cavalo montando outro. É lindo. Poesia. Cobras, sabe?”

“Não diz isso, Peta. Eu tô aqui, tô aqui.”

“Tá ouvindo isso? Vai, diz que sim.”

“O que é?”

“Vozes de crianças. Parecem –”

“Duas meninas. Minhas filhas.”

“Também ouve? Só podem ser elas. Vão entrar na sala.”

“Não.”

“Não se deixe abater. Elas não podem ver essa cena. Vamos, Flores. Reaja. Fuja. Sei lá.”

“Não posso te abandonar aqui.”

“Do que tá falando? Diz logo, não tem muito tempo.”

“Eu.”

“Já sei. Tudo bem. Acontece, Flores.”

“Sabe? O que eu faço? Com você, com as meninas e o Odradek? Não sei o que fazer.”

“Se livra dessa coisa. Elas vão entrar na sala a qualquer momento. Ah, não. Ah, não.”

“O que foi, Peta?”

“Os cavalos.”

“O que tem?”

“Tão trepando. Tem sangue saindo dos olhos deles. Que horrível.”

“Então não tem mais jeito. Vou ficar aqui mesmo. Tudo acabou.”

“Não, Flores. Vamos, se mexa. Você sabe que uma coisa leva a outra. Quantas vezes tivemos o Odradek em mãos?”

“Não devia revelar isso agora.”

“Você nunca sabe se o manterá ou não. Apenas que sempre vai correr atrás dele. Virão outras Perpétuas, outros Flores. Tudo se repete num ciclo de... de...”

“Peta!? Quase não te ouço mais.”

“... um ciclo de horror.”

“O que eu faço?”

“São suas meninas mexendo o trinco. Vamos, se mexe! Suma daqui. Vai, acorda!”

VILTO REIS é idealizador do site Homo Literatus e apresentador do podcast 30:MIN. Tem contos publicados em revistas online e nos livros *Projeto Beta* (EdiFurb, 2015) e *Sentimentos à flor da pele* (crowdfunding que organizou). Seu romance *Um gato chamado Borges* foi finalista do Prêmio SESC e será publicado em 2016 pela Editora Nocaute.

Blue Velvet
(Veludo Azul)
1986
Dirigido por David Lynch



CORAÇÃO DE VENTO

Por Virginia Cunha Barros

Agora que meu coração voou para longe, posso contar. Logo que nasci fui vítima de uma síndrome que pediatra nenhum soube explicar, quanto mais remediar: meu pequeno coração escapou logo após o parto e ficou flutuando ao meu lado. Não houve quem conseguisse prendê-lo de volta dentro do peito. Ainda na maternidade, minha mãe ouviu de uma médica:

- Ela come bem e é coradinha. Não precisa se preocupar com um coração flutuante.

Fui aos poucos sendo incluída na sociedade. Parentes e amigos de meus pais davam olhadas estranhas, mas ninguém gostava de comentar meu pequeno defeito na frente deles. Quando completei quatro anos, papai concluiu:

- Acho que ela pode frequentar um jardim de infância pra crianças normais.

- E se um coleguinha acabar pegando o coração dela por brincadeira? Será que pode ter um... um ataque cardíaco? - mamãe questionou, temerosa.

Meu bom velho deu de ombros:

- Ela sabe se defender.

De fato, não me dei tão mal assim. As crianças realmente tentavam pegá-lo, a princípio, mas meu coração era rápido demais até para mim, e logo a maioria se enjoou da brincadeira. Com o tempo, fui fazendo alguns amigos, e mesmo as professoras admiravam a forma como eu lidava bem com a minha peculiaridade.

- Cai, cai... balão - li em voz hesitante, mas alta, a primeira frase de um grande quadro colorido.

- Muito bem, querida! - a tia me elogiou, e meu coração começou a inchar de orgulho.

Na verdade, inchou tanto que saiu voando e por um triz não escapou pela janela. Foi preciso amarrá-lo com uma cordinha para que não fosse muito longe. Desde então, eu o levava assim à escola, ao shopping, à praia, como um bom órgãozinho de estimação. Tomava o cuidado de segurá-lo bem, pois qualquer vento poderia levá-lo embora.

À medida que fui crescendo, descobri que não se pode levar o coração a qualquer lugar. Quando comecei a ficar mocinha, os colegas de classe reclamavam que meu pobre músculo cardíaco lhes tampava a visão da lousa. Tive que começar a me sentar bem nos fundos da sala, mas assim me distraía muito facilmente e minhas notas começaram a piorar. Ficou determinado, portanto, que eu deixaria o coração em casa quando fosse para o colégio.

No cinema, ele também causava problemas. Às vezes, no decorrer da sessão, ele inventava de inchar e ganhar impulso em direção ao teto,

tamanha era sua leveza. Precisava puxar a corda com as duas mãos e me conter para não voar com ele, para não me perder em direção ao alto sem saber se voltaria. Meu coração balançava, ganhava impulso, quase me arrastava, ao sabor de um vento que ele mesmo soprava.

Um dia, passeando no shopping, ouvi um cochicho não tão baixo de uma velhinha:

- Ela devia ter vergonha de deixar esse coração aí batendo pra todo mundo ver.

Isso me deixou tão magoada que chorei a noite inteira. Quando o sol reapareceu, algo estranho havia ocorrido.

Pendia de meu peito uma longa corrente de ferro. À outra ponta, meu coração ainda batia, aprisionado, acorrentado. Não deixei mais que saísse comigo para a rua. A corrente pesada tinha a curiosa capacidade de se esticar, mantendo-me sempre presa a ele, ainda que a distância entre nós dois fosse cada vez maior. No começo, nos sentíamos muito fragilizados com a separação. Foram necessários alguns anos de prática até aprender a ignorar as sensações, os sentimentos e a pressão que esse órgão teimoso exercia sobre mim. E assim atingi a maturidade tão desejada e elogiada por todos à minha volta. Comecei a trabalhar em uma empresa que vendia detergentes no atacado e me destaquei na confecção de planilhas.

Um dia, precisei viajar para divulgar nossos produtos. Claro que não poderia levar meu coração comigo no ônibus, então o deixei sobre a cama, confiando na elasticidade ilimitada dos nossos grilhões. Mas deixei a janela aberta, para que ele tomasse um pouco de sol e ar fresco, preocupada, pois nunca havíamos nos encontrado tão distantes um do outro. Foi uma viagem longa e cansativa, e o pior era que minha palestra começaria cedo, em uma sala reservada de um hotel de luxo.

Quando meus potenciais clientes chegaram, enrolei a corrente para não me atrapalhar e inseri meu pendrive no notebook. Comecei a falar sobre a espuma inigualável da minha marca de detergentes, e me felicitei por meu coração não estar ali para se entediar junto comigo. Aconteceu, porém, uma mudança inesperada. Enquanto eu dissertava sobre a qualidade do nosso desengordurante, eis que vi entrar pela janela, flutuando, o velho amigo coração, exausto pela longa viagem e meio doente de saudades de mim. Ora, havia encolhido a ponto de se tornar pequeno demais para que a corrente pudesse prendê-lo.

Fui tomada de tamanha angústia ao vê-lo assim diminuído que corri em seu encontro e o apertei de encontro ao rosto. Nesse momento, o lado oposto da corrente, que passara tantos anos preso ao meu peito, despregou-se de mim, sem mais nem menos, pendendo inerte no chão. Chutei-a para um canto e deixei que o coração flutuasse livre ao meu redor, como quando eu era só uma garotinha.

Lembrei que precisava continuar a palestra e recobrei a postura. Mas fazia tanto tempo que não ficava perto do meu coração que a influência dele sobre mim se revelou implacável.

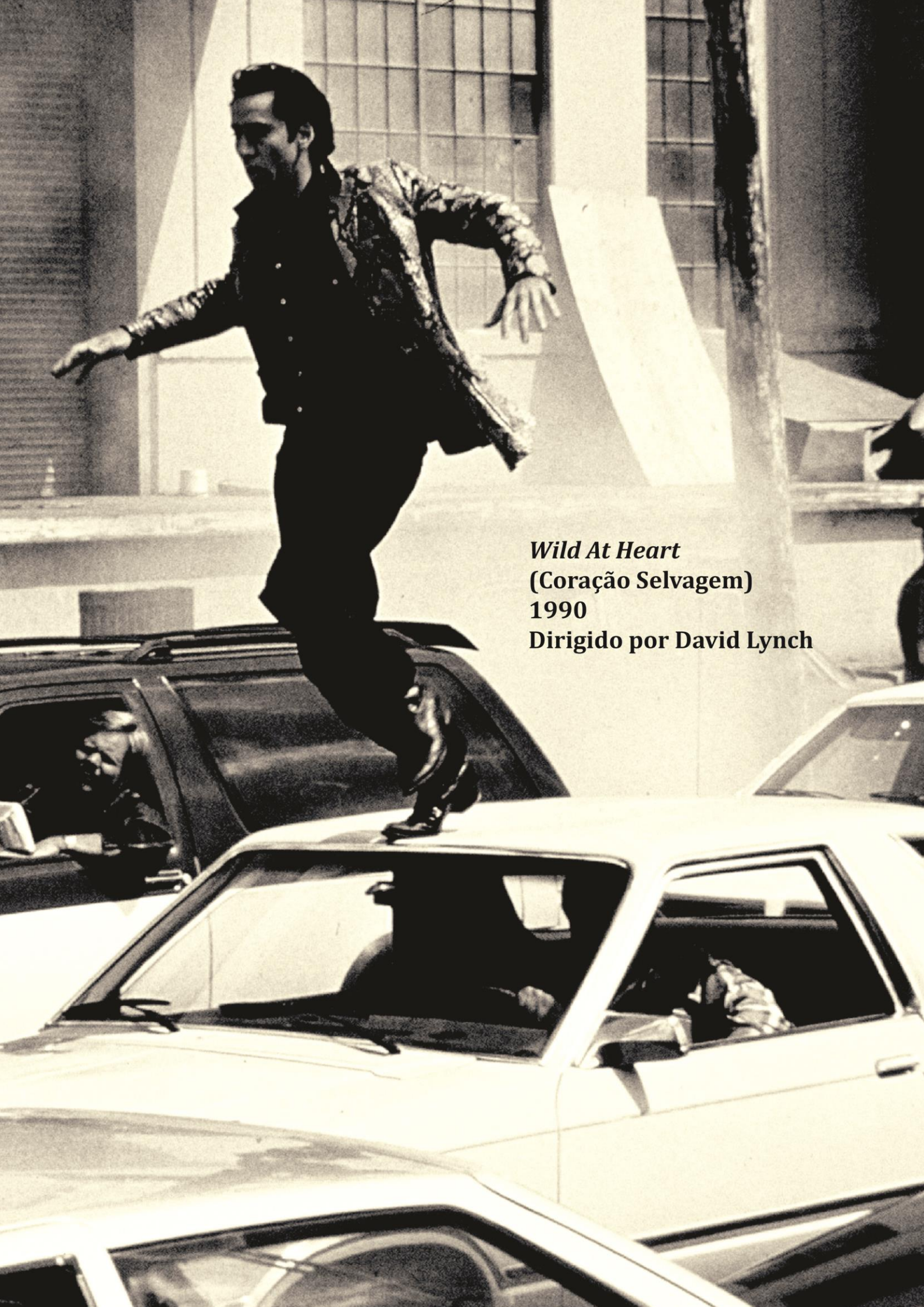
- Acho que já falei demais dessa porcaria de detergente. Ele faz espuma como todos os outros, mas alguém tem que lavar a louça do mesmo jeito, e não contem comigo.

Meu querido músculo cardíaco voltou a se inflar de felicidade. Como não tinha mais nem corda nem corrente, agarrei-me a ele com as duas mãos, para impedir que voasse em direção ao teto. Mas, dessa vez, ele inchou tanto que me levou junto e logo senti meus pés balançarem no ar. Não podia mais largá-lo, ou me arrebentaria no chão, então resolvi me sentar sobre ele. Era mais confortável que qualquer poltrona, macio como um castelo inflável, e não pude deixar de pular alegremente sobre ele enquanto avançávamos para o alto.

Continuamos voando em direção ao céu, à lua e às estrelas. Eu acenava para foguetes e naves, mas o espaço é muito grande, creio que não me viam. Subimos até a Terra parecer uma bolinha azul que cabia na palma da minha mão. Eu a peguei e beijei com um suspiro, pois me sentia tão leve!

Depois que a soltei, o coração que havia um dia escapado de meu peito disparou como um foguete pelo vácuo, até que alcançamos uma imensa estrela dourada. Ali, ele parou e passou a girar em torno dela, fazendo parte de sua órbita, e eu com ele, e daí por diante toda a minha vida e todo o universo começaram a fazer sentido.

VIRGINIA CUNHA BARROS tem coração e cabeça de vento, juízo de pulga e ama uma estrela dourada. É protegida por um anjo.



Wild At Heart
(Coração Selvagem)
1990
Dirigido por David Lynch

ENTRA E FECHA A PORTA SEM OLHAR PARA OS LADOS

Por Jefferson Figueiredo

Entra e fecha a porta sem olhar para os lados. Ele só percebe que não está sozinho ao acender a luz. Há uma mulher sentada no sofá.

- Quem é você?

Ela segura um bebê recém-nascido nos braços.

- Eu que pergunto quem é você? Eu moro aqui.

- Eu moro aqui. Este não é o apartamento 505?

- Não.

Ele observa a peça e não reconhece os móveis. O sofá preto no qual a mulher está sentada não é o seu, assim como o outro, na parede oposta. A janela-porta de correr se assemelha à sua, mas a paisagem é outra.

- Me desculpe, devo ter entrado no apartamento errado.

- Fique!

Ela acaricia o bebê. Seus olhos fechados se movimentam.

- Eu não quero ficar sozinha.

- Não posso.

Ele fica parado em frente à porta, mão na maçaneta.

- Você é casado?

- Não, não sou.

- Tem filhos?

- Também não.

- Ninguém te espera, então.

Os dedos circundam a maçaneta. Giram-na gradualmente.

- Por favor, fique. Meu marido ainda não chegou e não gosto de estar sozinha.

Ela aponta o sofá em frente e então ele se acomoda.

- O que o senhor faz?

Sentado frente a frente, ele tem a impressão do que o bebê cresce. A cabeça pelada avoluma cabelos negros e finos.

- Sou professor.

- Professor do quê?

- Português.

- Interessante.

A cidade não ecoa. Os carros se mantêm quietos. Ele cruza a perna direita, repousando as mãos sobre o joelho.

Ao correr o olhar, ele percebe que o formato do apartamento em que está é idêntico ao seu: uma longa sala de dezoito metros quadrados, a janela-porta, as duas portas brancas que dão ao quarto à direita e à cozinha à esquerda.

- Por acaso o endereço daqui é Frei Germano 14?

- Não.

- Tem certeza?

- Sim.

O som seco de batidas quebra o silêncio. Alguém atrás de uma das portas espera.

- Não vai atender?

- Não.

- Por quê?

- Não sei.

Silêncio. O bebê não cessa de crescer. Segundo seus cálculos, já deve estar dez centímetros maior.

- Tem problema se eu amamentá-lo?

- Não.

Ela abre a camisa. O seu seio pula com naturalidade. Inchado, o bico salta, lembrando-lhe uma arma. O bebê abre a boca com um sorriso banguela. Seus lábios ondulam e os olhos tremem.

Para não observar a cena, ele percorre o cômodo. Há muitas prateleiras cheias de livros. No canto, ao lado da porta, uma escrivaninha organizada: papéis rabiscados, uma caneca com canetas, uma luminária. À direita, existe um vão cheio de papéis ensacados; abaixo, uma gaveta e uma porta.

- O que o seu marido faz?

- Não sei.

- Como não sabe?

- Ele é um homem fechado.

- Há quanto tempo vocês estão juntos?

- Bastante.

Ele descruza a perna. O bebê ainda mama. Suas roupas não **contêm** o corpo que aumenta, rasgando.

- Preciso ir.

- Fique!

O som seco de batidas quebra o silêncio outra vez. Alguém atrás de uma das portas espera.

- Não vai atender?

- Não.

- Por quê?

- Não sei.

- E se for o seu marido?

- Não é.

- Como sabe?

- Ele tem as chaves.

- E se perdeu?

Os dedos tamborilam. Ele se projeta para frente, está prestes a se levantar quando o som seco de batidas quebra o silêncio outra vez. Alguém atrás de uma das portas espera.

- Pode ser um vizinho. Você deveria atender.

- O som não vem da mesma porta que você entrou.

Ele inclina a cabeça e então nota que o som vem da porta ao lado do

sofá dela. No seu apartamento, ali seria o quarto.

- Eu vou abrir.

- A porta não está trancada.

- Então?

Ela olha o menino que continua mamando. Seus traços começam a se definir. Tem o queixo duro e olhos grandes, porém ainda fechados. Os lábios se movimentam automaticamente. É quase impossível para ela mantê-lo no colo.

A porta abre. Um homem de terno e gravata surge. Ele não percebe a presença dos dois. Depois de dar um passo, seu rosto se contrai e só então nota ambos sentados.

- Me desculpe. Entrei no apartamento errado.

- Fique!

Não foi ela, e sim ele, quem pediu ao homem de terno que ficasse.

- Não posso. Estou atrás do meu filho.

O menino se alonga. Está quase nu. Os cabelos caem pelas pernas da mãe. Com uma das mãos, ele segura o seio, pressionando-o. Os olhos se revoltam, mesmo ainda fechados.

- Ele não está grande demais para mamar?

- Não, senhor.

- Sente-se ao meu lado. Estamos todos esperando alguém.

- Não posso. Estou atrás do meu filho. Este deveria ser o apartamento dele. Costumava ser. Eu bati várias vezes nos últimos dias e ninguém respondeu. Também telefonei e nada. Minha esposa lembrou que tínhamos uma cópia da chave guardada. Resolvi tentar mais uma vez. Se não atendesse, entraria como fiz. Mas esse não é mais o apartamento de meu filho.

- Nunca foi.

- O que a senhora quer dizer com isso?

- O senhor veio do quarto, não do corredor.

O homem de terno e gravata se volta para o homem sentado no sofá.

- Impossível. Eu estava no corredor, como qualquer outra pessoa.

- Não é verdade.

Ele se volta outra vez à mulher.

- A senhora quer dizer que estou mentindo? Por acaso subi pelas paredes, entrei pela janela e criei toda essa situação por nada?

- Não foi isso que eu quis dizer. Eu disse *não é verdade*.

Os três se olham. O menino não cabe mais no colo dela. Tem um metro e meio e seus pelos nascem. O homem de terno e gravata não se importa, apenas observa o seio e os lábios do menino se tocando.

- Sente-se ao meu lado. Estamos todos esperando alguém.

- Por favor, sente-se.

Ele se acomoda para dar lugar ao outro. Observa seus traços e se espanta. O homem de terno e gravata reluta, mas acaba tomando acento.

- Por quem vocês estão esperando?

- Meu marido.

- Eu pensei que ele fosse o teu marido.

- Não sou.

- Não é.

Silêncio.

- Por que o senhor está atrás do seu filho?

- Ele desapareceu há alguns meses.

- Problemas?

- Não sei.

A rua mantinha a calma da noite. O prédio em frente reluzia pelas janelas. Os três miraram-no ao mesmo tempo e voltaram a si.

- Meu marido desapareceu há alguns meses também.

- Vocês se conhecem?

- Nunca vi este senhor.

- Nunca vi esta mulher.

Sem notar a presença dos dois homens, o adolescente agarra o seio da mulher. No pouco pano que ainda o cobre a virilha, um volume cresce. Seus olhos brigam entre si.

- O que o seu filho faz?

- Muitas coisas e nada.

- E o senhor?

- Nada da sua conta, senhora.

- Eu sou professor.

- Professor do quê?

- De português.

- Eu perguntei a ele, não a senhora.

O som seco de batidas quebra o silêncio. Alguém atrás de uma das portas espera.

- Agora vem da porta que eu entrei.

- É verdade.

- Será meu filho?

- Será meu marido?

- Não é ninguém.

- Como pode saber?

- Se fosse seu filho, teria entrado. Se fosse o marido dela, também.

- Quem então bateu na porta?

- Ninguém.

- Como sabe?

Os dois homens se olham. O de terno e gravata observa os traços do outro por muito tempo.

- Seus traços são familiares.

- Os seus também.

- Meu marido tem uma foto com pessoas parecidas com vocês. Foi a última coisa que ele me deu antes de sumir. Levo-a sempre na carteira.

- Posso vê-la?

- Podemos vê-la?

- Não agora. Minha carteira está no bolso de trás da calça e, como podem ver, não posso me mexer.

O homem acaricia ambos os seios. Sua boca convulsiona, deixando saltar a língua por vezes. O pênis aponta para cima como se mirasse a mulher. Com dificuldade, ela mexe um dos braços e o agarra.

Os dois homens olham para o rosto do outro. Mesmo com barba e cabelo longo, todos o reconhecem. Ela acaricia o pênis para cima e para

baixo. O som seco de batidas quebra o silêncio. Alguém atrás de uma das portas espera.

Então seus olhos abrem.

- Preciso partir.

- Eu também.

- Fiquem!

- Não posso.

- Não quero.

- Não devem.

Os três esperam o homem dizer algo mais. Ela continua o movimento.

- Vão embora.

- Obrigado.

- Obrigado.

- Fiquem!

- Partam!

Ele grita enquanto ejacula. Os quatro gritam juntos. O som seco de batidas quebra o silêncio. Alguém atrás de uma das portas espera. A pessoa também grita.

- Adeus, senhora, adeus, senhor.

- Adeus senhor, adeus, senhora.

- Fiquem!

- Preciso chegar em casa.

- Preciso encontrar meu filho.

- Eu também devo partir.

Lambuzado, ele solta o seio e se levanta. O bico sangra. Ela esboça um semblante decepcionado. Cada qual parte pela porta que entrou.

JEFFERSON FIGUEIREDO é graduado em Letras pela UFRGS, é coeditor do Homo Literatus, participante do podcast 30:MIN e idealizador da revista literária Pulp Fiction.



Twin Peaks: Fire Walk with Me
(Twin Peaks: Os Últimos Dias De Laura Palmer)
1992
Dirigido por David Lynch

ENTRE SÓLIDOS, GELATINA

Por Cláudia Dugim

– No momento em que acordar deste sonho, você permanecerá acordada para sempre. Não haverá descanso. Viverá em moto contínuo de dúvida e resposta.

Falou para si mesma e despertou. Estava num barco, mas não era barco. O casco era tigela, a água gelatina vermelha e azul.

– Ainda estou dormindo. – fechou os olhos.

O alarme do celular tocou. Conferiu dentro das pálpebras primeiro. Nem barco, nem mar. Só aquela cegueira artificial quando se tem certeza das sombras. O dia estava absurdamente claro e o sol atingia como um laser a parede oposta à cama. Apoiou os pés no chão de gelatina.

– De novo, merda!

O celular repetiu o toque do alarme. Cinco minutos a mais naquela soneca gelatinosa. Precisava parar de analisar os relatórios do Caso F. antes de dormir. Substituiria o trabalho por um chá e um livro naquela noite. Dissera o mesmo na noite anterior. O dia estava muito frio, o banho muito quente, o café muito amargo e o arremedo de cigarro sabor “desvie-se em 10 dias” entupiu. O lado bom é que tinha certeza de estar acordada, nada mais era gelatinoso. As paredes, o elevador, as chaves da porta e a própria porta eram tão sólidos quanto... Não tinha com que fazer uma comparação, viveu sob hipóteses quando era criança e elas se tornaram profissão na vida adulta.

Antes de ir para o trabalho, pagou dois aluguéis. O atrasado e o atual. Comprou umas coisas para casa. Recebera metade do combinado para investigar o Caso F. como adiantamento, sem devolução na ocorrência de condenação do contratante. O maneta queria que ela provasse sua inocência. Estava disposta a provar-lhe a culpa.

Vamos ao caso.

No dia 2 de maio de 4-11 D.Q., o corpo de um rapaz foi encontrado no limite da Bolha Norte, num matagal adjacente à casa dele e do maneta, enrolado em uma cortina de veludo. A perícia constatou que ele morrera asfixiado com uma colher de sobremesa introduzida à força na garganta. Também constataram o envenenamento por mercúrio, mas não foi a causa da morte. O morto e o suspeito eram amigos de infância. Ambos tinham namoradas que deixaram a casa duas horas antes do assassinato. O suspeito estava na cozinha, desmaiado segurando o braço sem a mão. Segundo ele: “três sujeitos gêmeos” invadiram a casa e quebraram tudo, enfiaram a mão dele no triturador da pia e foram embora sem levar nada. Ele não viu ou ouviu quando atacaram o amigo.

Problemas com o caso.

1. Só há uma via de acesso. As câmeras de trânsito registraram

naquela noite o carro das duas namoradas: chegaram às 20:37h e saíram às 23:42h. O rapaz foi morto às 2:45h. Nenhum outro carro subiu a colina, também nenhuma marca de pneus no terreno arenoso do lado oposto à casa. O matagal onde encontraram o corpo faz divisa com parede da Bolha Norte, além dela segue o gelo eterno da área exterior e um penhasco.

2. O sujeito tinha um torniquete na parte superior do braço, o que o impediu de esvair em sangue e morrer antes da chegada do socorro. Segundo ele, “um dos caras iguais ficou com pena dele” e fez o torniquete.

3. Os invasores tiraram muitas coisas de lugar e nada do que quebraram tinha grande valor. O único prejuízo real foi do morto, que além de sem vida ficou sem o carro novo, destruído às porretadas.

4. Ambos eram sócios de um ferro velho que tinha acabado de declarar falência.

5. O veludo era uma capa que o suspeito usava em shows de mágica. Este problema seria o mais complexo, para futuras discussões, se houvesse.

Outros detalhes não eram importantes.

A caminho do escritório, ela ouvia trechos do depoimento do suspeito pela sexta vez. O vagão era completamente lacrado, sem janelas e quase sem luz, e as pessoas se sentavam desconfortáveis umas de frente para as outras numa intimidade forçada. Não prestava muita atenção ao que ouvia e nem tinha muito que fazer no percurso para o escritório. Ler. Não queria abrir o arquivo do relatório de novo. Conversar. As pessoas que não cometiam crimes eram desinteressantes. Os fones de ouvido a isolavam do falatório alheio. Aleatório. Nos bancos do fundo do vagão, estavam três sujeitos. Vestiam jaquetas de proteção, capacetes com viseiras escuras, botas de trava. Carregavam bastões e esquis automáticos. Tinham a mesma altura e o mesmo peso, mais de um metro e noventa e bem mais de cem quilos. Eram trabalhadores fora-bolha, naquele gelo eterno que cobria o mundo.

“– Pode descrever os três sujeitos, Sr. Vladimir?”

– Claro que não! Você me ouviu dizer que os três eram iguais. Então... Eram iguais... Como vou descrever três pessoas que não têm diferenças?!

– O senhor viu o rosto dos sujeitos?

– Não.

– Por que não? Eles usavam máscaras ou capuzes?”

Ela olhava para os três. Óbvio que não tinham nada a ver com o caso, todavia não conseguia desocupar a mente. Pausar e esquecer como faziam, estava presa naquele labirinto recolhendo o fio do novelo e tentando achar uma saída. Tentava entrar na cabeça do sujeito que fora

elevado de suspeito para assassino no tribunal da sua mente lógica. Condenado à prisão perpétua. Seu código encriptado entre o ladrão de bebês e o amante de silicone.

“– Não era máscara... Uma caixa preta... Sem braços nem pernas – ouve-se um estalar de dedos. – Lembrei! Para-brisas pretos.

Silêncio.

Uma cadeira arrastando. Estocadas na mesa. Pigarros e tosse.”

Era o Alberto quem tossia. Ele lhe havia recomendado o método “desvie-se”. Dois dias e funcionando.

“– Um capacete, talvez. Sr. Vladimir, e as roupas?

– Que roupas? Eles não levaram minha roupas. Estão aqui.

Algemas chacoalhando.

– Estou perguntando das roupas que os três sujeitos usavam?”

Alberto era muito paciente. No lugar dele, já teria descido a mão no assassino, para que deixasse de ser sonso.

Os três sujeitos se levantaram ao mesmo tempo. Enfileirados esperaram para desembarcar.

“– Pretas... acho q...”

Sacou os fones dos ouvidos e guardou-os na jaqueta. A porta do trem abriu e os três saíram. Ela os seguiu. Passou no *despensário* da estação e catou o primeiro casaco, botas e capacete, tinha certeza de que os sujeitos saíam da bolha e precisava de proteção. Foi vestindo no caminho. O capacete estava com o visor levantado ao deixar a bolha e o vento estapeou sua cara, quase congelando as pálpebras:

– Bom. Assim acordo – repreendeu-se pelos cochilos daquela manhã. Estava atrasada e ficaria muito mais. Mandou uma mensagem avisando aos sócios.

Atrás de pista

Chego tarde

Ninguém mais havia descido na estação. O único caminho estava deserto. A nevasca perpetrava uma cegueira branca, mal distinguia as construções ao longo da via. Fábricas, laboratórios, mineradoras, talvez. Abaixou a cabeça para resistir melhor ao vento, agarrou-se à corda guia e correu. As travas soltando lascas do gelo duro. Por pouco não deu com cara nas costas de um dos suspeitos. Eles caminhavam devagar em fila indiana, presos à corda para não serem arrastados pelo vento. Conversando em dialeto. O dialeto sagrado dos mineiros. Diminuiu o passo e esperou até que fossem silhuetas na cerração.

Viraram à esquerda. Ela virou também, abandonando a corda guia.

Montes de neve espalhados pelo terreno diminuíam a força da nevasca, mas os suspeitos desapareceram entre eles. Voltou a correr para tentar alcançá-los. Pelos corredores entre as pilhas de entulhos, que eram

muitas e cobertas de neve. Penetrou nos túneis que as cruzavam de um lado ao outro, por onde os mineradores retiravam coisas preciosas como metais, plásticos e roupas. Não havia direção nenhuma, indicação nenhuma, mas continuava indo, na suposição – ela se excedia, às vezes – de que chegaria a um lugar. Ao atravessar um túnel sob uma pilha de tecidos o ar lhe faltou e era parou. Veludos vermelhos, azuis e negros vitrificados no gelo.

Apoiou-se na parede e eles derretiam como a gelatina do sonho. Cantaram. Não gostava de músicas. Era só um sussurro incrustado no molde côncavo, ainda bem:

*"I only wish that you have a chance to decide
Have a look around you, there's no-one there
How can you call this fair?"(1)*

Ela seguiu a letra. Não era justo que ficasse ali, parada, no cansaço e na dúvida. Dois montes para direita. Um adiante. Três em diagonal e estava no centro do ferro velho. Um contêiner azul cantava, não os veludos. Outra besteira provocada pela crise de abstinência.

Bateu na porta e um dos três atendeu. Era um cara alto, corpulento, vestindo preto, de cabelo e barba encaracolada, igual aos outros.

– Desculpa. Eu segui vocês. Sou investigadora particular, contratada pela defesa do Sr. Vladimir F...

– A gente sabe e já falou tudo pra polícia – gritou o igual que preparava um café.

O relatório entregue ao defensor público não continha nenhuma referência aos trigêmeos. Deduziu que o promotor estava sabotando o caso por algum interesse próprio. O cara apontou uma cadeira confortável ao lado de uma janela embaçada.

– Sente-se, por favor. Quer um café? – ele sorriu, mas a barba encobria os dentes.

– Qualé? – Reclamou o que fazia o café. – Vou servir nada pra ninguém.

– Ela não é da polícia, está só fazendo o trabalho para o advogado do maneta. Não custa ser gentil.

Ela respirou aliviada quando ele abaixou o volume da música. O terceiro irmão não estava naquele cômodo.

– Vocês são três, não? Posso falar com o outro, também? Por favor.

O terceiro saiu de um quarto na parte de trás carregando duas crianças pequenas, também gêmeas. Ela elogiou as crianças para quebrar o gelo. Ele sentou-se ao seu lado e ficou em silêncio.

– Eu gostaria, se possível, que me respondessem algumas perguntas. Coisa simples e rápida.

– Se é simples e rápida tudo bem. Temos muito trabalho.

– Vai gravar? Anotar? – serviu o café em quatro canecas.

– Pretendia fazer as duas coisas – ela respondeu.

– Quer a verdade? – perguntou o que carregava as crianças.

– Mas vai ficar entre nós ou iremos atrás de você. Sabe o poder da nossa seita, não é? – Ele entregou-lhe uma xícara, estava tão quente que ela sentiu o calor através das três camadas de proteção da luva.

Ela não dava a mínima para religião ou superstições, achava mesmo

que deveriam ficar enterradas e esquecidas. Os piores pecados foram cometidos e depositados na conta delas.

– Calma, moça. Ele não fala sério. Não vamos fazer nada. Chega de estragos por enquanto. Seja rápida, por favor, como disse temos muito trabalho.

– Vocês sabem quem matou o sujeito? Têm alguma ideia a respeito?

– Fomos nós – falaram os três.

Podia parar de perguntar, já tinha a resposta e só teria que mudar de lugar o arquivo do Caso F. dentro da sua cabeça. Da seção “convicta da culpa dele” para a “acho que é inocente”. No entanto, apesar de se sentir um pouco acuada no meio daquele vagão, no meio de um ferro velho, no meio dos fanáticos religiosos, continuou. Primeiro, porque era curiosa; se não fosse não seria investigadora. Segundo, não cabia em si de vaidade, seu sexto sentido estava chegando perto do sétimo. Tomou o trem no horário preciso, entrou no vão exato e farejou a culpa nos três sujeitos.

– Como vocês chegaram à casa? Não havia marcas ou...

– Pelo penhasco. Nós temos equipamento. Óbvio.

Avaliou o paradoxo de provar-se errada. Sem anotações ou gravações poderia manter o erro de julgamento em segredo. Poderia ser considerado um segredo se o guardava para si mesma e era a única dona das próprias suspeitas?

– Quem triturou o braço do Vladimir e quem fez o torniquete?

– Fui eu que fiz o torniquete.

– Eu triturei o braço dele porque quando a gente chegou lá, ele estava destruindo o carro do amigo. E não queria parar.

– Compreensível. Estavam discutindo por causa de dívidas.

– Pode ser, mas naquela hora não sabíamos que estavam falidos. Foi melhor para os nossos negócios. Não teremos mais concorrência. – Dito isto ele colocou uma das crianças no colo dela, já que ela brincava de tirar e por a chupeta e estava irritando a pequenina.

– Por que mataram o sujeito?

– Na verdade, a gente não queria.

– Queríamos sim.

– A gente queria, mas não tinha coragem.

– Hum! – resmungou. Só um sinal para que continuassem a falar.

– Conta você – disseram os três e se apontaram.

Segundos de música de fundo sem que respondessem a pergunta:

“You can look but you can’t touch

I don’t think I like you much

Heaven knows what a girl can do

Heaven knows what you’ve got to prove”(2)

– O veludo – respondeu um deles, não saberia dizer qual, pois os três eram iguais. – A gente avisou, mesmo assim ele roubou da nossa pilha de tecidos. Da pilha sagrada e o mais sagrado de todos os tecidos. O que os reis usaram por séculos e séculos e que no fim das contas resultou neste mundo. – Abriu os braços, talvez uma representação de “por tudo o que existiu e não existe mais”. Viviam no passado, o que era muito triste de se ver e ouvir. – É nosso dever manter a tradição de acumular coisas.

– Foi a profanação do templo secreto que fica escondido entre os

montes mundanos – apontou para a janela como se ela pudesse ver as pilhas de entulho pelo vidro embaçado.

– E vocês descobriram que foi ele que roubou a peça como? Assistiram alguma apresentação de mágica? Tem câmeras de segurança?

– Só seguimos o chamado do tecido. Acho que ele pensou que o pano tinha algum poder, coitado, e iria melhorar seus números de ilusionismo. Blasfêmia.

– Sei. – ela queria tanto poder anotar. Não iria denunciar os sujeitos, nem livrar a cara do suspeito. Só para recordar quando ficasse velha, repartir os segredos com alguém. O passado poderia ser interessante no futuro.

– O veludo chamou pela gente. Nós o seguimos até a casa deles. Esperamos as duas moças saírem e matamos o sujeito com a colher penitencial.

– E mercúrio, que é o metal dos metais. – disse tocando o patuá pendurado no pescoço.

– O mercúrio estava na colher?

– É. – disseram os três.

– A colher ficou entalada na garganta do cara e não conseguimos tirar.

– Mas vocês deixaram o tecido lá. Não faz sentido, se fosse tão sagrado assim...

Os três começaram a rir. Riram e gargalharam.

– Vai embora, dona, a gente já teve a cota de zoeira por hoje. – Abriu a porta à sua saída da mesma maneira educada que fizera na sua entrada.

Foi feita de idiota, de novo. Perdeu um tempo precioso que poderia estar dedicando a provar a culpa do assassino. Agora estava presa naquele labirinto de velharias cobertas de neve. Circulou por horas até achar a saída. Quando segurou a corda guia sentiu um gosto amargo na boca e uma pontada no estômago. Caiu no chão e se encolheu, tossiu sangue. Não devia ter passado pelo túnel de tecidos. Eles sabem o conteúdo de suas tramas.

1. Coming in from the cold - The Delgados
2. I think I'm paranoid - Garbage

CLÁUDIA DUGIM é formada em Artes Gráficas, Letras e Pedagogia, professora e escritora, gosta de tudo até jiló e quiabo. Trabalhos publicados na Editora Draco – Lolipop, Monsuta-Shi, na Editora Catavento – O Tesouro de Nossa Senhora dos Condenados, na revista Trasgo – Gente é Tão Bom, O Menino Jaguar e o Escudo do Sol, nos Contos Sonoros do Blog Meia Lua Prá Frente e Soco – Extensão e A Princesa no Escafandro Cor de Rosa. Coordenadora e editora do Grupo Singularidades – livros Cobaías de Lázaro e Retrônicos etc.



Lost Highway
(A Estrada Perdida)
1997
Dirigido por David Lynch

ESQUEÇA BENTHAM

Por Arnaldo Pagano

Eu lamento se não conheçam o filósofo Jeremy Bentham, o pai do utilitarismo. Vasculem a casa, encontrem o que devem encontrar e acreditem: eu fiz o que é justo.

- Por essa eu realmente não esperava. Agora policial tem que saber filosofia? - a novata investigadora Samira era a primeira a ler o enigmático bilhete e não resistira ao comentário, apesar da gravidade da situação.

O pequeno pedaço da folha de um caderno, com a mensagem escrita à mão, fora deixado ao lado do corpo que os dois policiais acabavam de encontrar. A mancha de sangue no peito era produto de um único tiro à queima-roupa. No bolso da vítima, o documento de identidade facilitava pelo menos uma parte do trabalho.

- Amadeu Venâncio Tavares. Não sei por que, mas o nome não me é estranho - Timóteo mantinha os olhos na vítima e o RG na mão direita enquanto tentava se lembrar de algo, mas em 15 anos de polícia a memória dos casos que solucionara já não era mais a mesma.

- Vou puxar a ficha dele. E esse bilhete aí, chefe? Vou ter que recorrer ao Google?

- Não precisa, Samira. Ainda bem que eu me interessei mais pelos livros do que você. Bentham é o filósofo do utilitarismo, como nosso amigo mencionou.

- Ok, Google - ironizou Samira, logo interrompida pela explicação de Timóteo.

- Bentham elaborou uma teoria de justiça que já foi muito criticada, mas ainda hoje tem força. Dizia que uma ação justa é aquela que traz o máximo de felicidade ao maior número de pessoas. O bem maior ao maior número de pessoas, ainda que alguém tenha que pagar por isso. Grosso modo, essa é a teoria. Nosso amigo, Samira, está dizendo que matou esse tal de Amadeu para evitar um mal maior. Como ele mesmo diz, teremos essa resposta vasculhando a casa.

Ainda incomodada com a mania de Timóteo de sempre chamar o criminoso procurado de "nosso amigo", Samira saiu de perto do corpo caído na sala de estar para procurar alguma pista nos cômodos. Enquanto isso, Timóteo ligava para a perícia. Os dois policiais haviam chegado à cena do crime após uma denúncia anônima. A informação era a de que um cheiro forte exalava do apartamento 912 do prédio 89 na Diogo Lacerda. Nenhum vizinho havia se apresentado aos policiais, mas o notável cheiro de cadáver obrigara o arrombamento da porta.

Tão logo desligou o celular, Timóteo passou a rodear o corpo e a olhar atentamente por tudo o que estava à frente. Queria ter o poder de

Sherlock Holmes, de tirar pistas de onde menos se espera, mas olhava para todos os lados sem perceber nada e frustrava-se por saber que era mesmo apenas o investigador Timóteo, que tinha a única vantagem de ler um pouco mais do que seus companheiros. Os pensamentos melancólicos de Timóteo só foram interrompidos por uma Samira pálida e esbaforida, que voltava correndo de um dos quartos:

- Chefe, o cara ia matar a gente!

...

Há 15 anos na mesma delegacia, Timóteo nunca havia visto uma planta do prédio, mas conhecia o imóvel tão bem que não poderia negar. Era mesmo a planta do 37º DP. Sem precisar vasculhar muito, Samira encontrara a planta no quarto de Amadeu, em um armário abarrotado de explosivos. Fotos e documentos mostravam que o homem assassinado era mesmo morador do apartamento.

- Será que ele tinha planejado pra amanhã? - perguntou Samira, com a voz baixa, como se o momento tenso exigisse discrição absoluta.

- Não tem como saber, mas aqui tem material suficiente para mandar a delegacia pelos ares.

- Sorte a nossa que mataram esse cara. E para salvar a gente. Esse é "nosso amigo" mesmo, chefe - Samira riu timidamente, sabendo que a situação não pedia brincadeiras nem descontração. Timóteo estava mais introspectivo do que nunca. Descobrir que havia um plano para explodir a delegacia já era uma boa explicação, mas a impressão de já ter visto o sujeito antes o intrigava ainda mais.

- Fala alguma coisa, pelo amor de Deus - embora aparentasse calma em alguns momentos, Samira não fazia questão nenhuma de esconder sua inexperiência com uma ansiedade que, às vezes, parecia exagerada.

Timóteo deixou o quarto e, calado, voltou à sala, onde estava o corpo de Amadeu. Olhou mais uma vez o rosto da vítima e teve a certeza de já ter cruzado com aquele homem em alguma operação. Se o homem planejava explodir a delegacia, é porque esperava causar uma tragédia, com a morte de vários policiais, além de outros funcionários, os presos da cadeia, as pessoas que iam ao local simplesmente para registrar um B.O. Era estranho. Timóteo tinha a sensação de que o alvo era ele. Mas, se fosse, por que ele não seria morto com um tiro na rua ou em sua casa? Era preciso explodir a delegacia inteira? Matar dezenas de pessoas? O assassino de Amadeu era um herói, a princípio. Mas por que ele não preferira avisar à polícia a cometer um crime e deixar um recado? A mente de Timóteo girava. Samira, ao lado dele, causava incômodo. Era de praxe um novato acompanhar um investigador experiente e ele já se acostumara com os inexperientes, mas Samira, apesar de se mostrar bastante útil em alguns momentos, em outros revelava claro desinteresse pela função. Além do mais, pensava que um batom rosa não caía bem a uma balzaquiana, mas não poderia crer que isso tinha qualquer importância.

O silêncio imperava no apartamento. Pela janela, Samira observava a chegada da perícia e de outras duas viaturas quando o celular de Timóteo

tocou. Pelo contraste com o momento, o barulho chegou a ser ensurdecedor. Era o suficiente para arrancá-los de seus pensamentos. Timóteo atendeu e desligou em cinco segundos. À espera do que o parceiro teria a dizer, Samira parecia esperar não menos do que uma eternidade.

- Vamos à delegacia. O cara se apresentou.

...

As informações transmitidas pela equipe de apoio deslocada para a operação esclareceram as dúvidas de Timóteo, e confirmaram a suspeita de que Amadeu já havia cruzado seu caminho. A ficha daquele que agora era a vítima mostrava que Amadeu foi preso, condenado e cumpriu quase 15 anos em regime fechado por abuso sexual de menor de idade. O policial que efetuou a prisão era um jovem que acabara de entrar para a polícia. Timóteo lembrou-se com nitidez do momento em que a pequena Flávia, de apenas oito anos, começou a chorar e a gritar ao ver Amadeu. O reconhecimento foi peça-chave no inquérito para incriminá-lo.

Timóteo pouco conseguiu esconder a surpresa ao adentrar a sala de interrogatório, onde Samira já estava acompanhada do assassino confesso de Amadeu. A barba grande e grisalha diferenciava Amaro Venâncio Tavares de Amadeu, mas um olhar atento não permitia a ninguém negar que se tratava de irmãos gêmeos. Timóteo puxou a cadeira lentamente e sentou-se em frente a Amaro. Menos por ter diante de si alguém que seria assassino e herói ao mesmo tempo do que pela estranha sensação que a imagem de Amaro lhe causara, Timóteo ficou sem palavras. Samira notou a situação e resolveu dar início ao interrogatório.

- Você poderia começar falando um pouco sobre a relação com seu irmão – iniciou a investigadora, sem a menor confiança.

- Devo começar da infância? Foi boa. Brincávamos muito – a resposta debochada causou um desconforto instantâneo e obrigou Samira a reagir.

- Não vejo motivo para ironias. Quero saber como se relacionavam. Eram amigos, inimigos, se falavam, não se falavam..

A atitude de Samira pela primeira vez chamou positivamente a atenção de Timóteo e o tirou da inércia. De uma hora para outra, o experiente policial ganhou confiança, vigor e passou a olhar fixamente nos olhos de Amaro.

- Eu era muito próximo do meu irmão quando criança – Amaro iniciou a resposta, incomodado com o olhar de Timóteo. – Com o passar do tempo, a gente foi se afastando, ele foi ficando estranho, mas eu nunca imaginava que ele pudesse fazer o que fez.

- Estuprar uma garotinha de oito anos? - Timóteo praticamente interrompeu Amaro, que notadamente ficou desconcertado com a pergunta.

- Isso é meio complicado.

- Imagino para uma criança como deve ser complicado viver depois de passar por isso – emendou Timóteo.

- Sim, imagino. Não posso falar sobre esse crime. Talvez ele fosse

doente. Mas sei que sofreu muito.

- Ah, ele sofreu? – o sangue de Timóteo fervia ao voltar ao passado e, por um instante, ele desejava descontar toda a raiva naquele que guardava o mesmo rosto do pedófilo.

- Digo que ele sofreu muito quando foi preso. Uma vez ele me contou o que o policial fez com ele. Disse que foi humilhante, que nunca parou de doer.

Enquanto Amaro falava, a imagem de 15 anos atrás veio nítida à cabeça de Timóteo. Era um jovem policial, e talvez hoje, mais experiente, não faria o que fez com Amadeu, mas parecia impossível, naquela época, conter tanta raiva e tanto ódio de alguém capaz de abusar de uma criança.

- Depois sofreu muito na cadeia. Não deram a proteção necessária. Não sei como não morreu. Foi feito de mulher, sabe? – completou Amaro, aparentando estar envergonhado pelo que acabava de dizer.

- Você visitava seu irmão na prisão? - Samira resolveu mudar o rumo da conversa.

- Não fui visitá-lo nenhuma vez. Estivemos separados durante os 15 anos que ele ficou por lá. Acho que foi melhor assim.

- Por quê? – emendou Timóteo.

- Não dava mais para manter uma relação com alguém que fez o que ele fez. Não acha?

- E depois que ele foi solto? Nem assim tornou a vê-lo? – Timóteo esperava uma contradição, uma forma de testar Amaro.

- Você sabe que tornei a vê-lo. Devem ter visto o bilhete que eu deixei. – Amaro provocou, e Timóteo sentiu o frio na barriga característico do momento em que um interrogatório chega ao momento decisivo. – Algumas semanas depois que meu irmão saiu da prisão eu fui visitá-lo. Sabia que ele estaria no apartamento que nosso pai deixou de herança. Não era a mesma pessoa com quem brinquei na infância, com quem troquei confidências na adolescência. Parecia obstinado, possuído de uma febre capaz de levá-lo a atitudes extremas. Tinha raiva. Mais do que raiva: fúria.

- E queria se vingar da polícia? - questionou Samira.

- Sim, dessa delegacia especificamente. Foi aqui que o inferno dele começou. Aqui ele começou a deixar de ser gente. Eu sentia que ele preparava algo, resolvi armar para ficar sozinho na casa dele e descobri tudo.

- Aí entra Bentham – enquanto aguardava a resposta, Timóteo tentava lembrar com exatidão as palavras escritas no bilhete deixado ao corpo de Amadeu.

- Sim, a primeira vez que li Bentham tive certeza de que aquela era a verdadeira justiça, mas nunca pensei que poderia colocá-la em prática. Eu nunca pensei que pudesse matar uma pessoa, mas quantas pessoas estão aqui nesse distrito policial agora? 50? 100? Não poderia deixar que todas morressem. A morte do meu irmão seria, sem dúvida, um mal menor. – Amaro colocou os dedos nos olhos, como se não pudesse conter o choro, mas envergonhava-se de mostrá-lo.

O silêncio tomou conta da sala de interrogatório. Timóteo não poderia

deixar de pensar numa explosão na delegacia onde trabalhava há tanto tempo. A presença de Amaro incomodava, era claro, não era impossível negar que todos ali deviam muito a ele.

- Olha, eu demorei pra chegar até aqui, já estou há algum tempo nessa sala, eu realmente preciso ir ao banheiro. Será que eu....

- Sim, você pode. Eu vou te acompanhar – rapidamente respondeu Samira, como se fosse claro que essa fosse uma das atribuições de um novato na polícia.

Tão logo os dois deixaram a sala, Timóteo pôde finalmente relaxar na cadeira. Talvez ainda não fosse o momento de reorganizar todos os pensamentos daquele dia, mas era preciso ao menos respirar. Começou a pensar no inquérito policial e na dificuldade de instaurá-lo. Amaro seria indiciado por assassinato, obviamente, mas sua história era diferente. Não havia agravantes, mas um grande atenuante. Na Justiça, poderia ter uma condenação branda. O fato de ter cometido um crime para evitar outro, muito maior, seria levado em conta no julgamento e mesmo uma absolvição não seria descabida. Era o que intuía e até desejava agora que começava a nutrir certa estima pelo homem que o salvara. Concentrou-se tanto em seus pensamentos que nem percebera que se passara mais tempo do que o previsto para uma situação dessa. Decidiu se levantar e, sentindo um calafrio que não supunha mais que fosse ter naquele dia, correu em direção ao banheiro. Estranhou a ausência de Samira na porta, entrou rapidamente e, diante do espelho, imediatamente lamentou por não ter reconhecido o que estava tão claro. Irmãos gêmeos podem ter todas as características físicas idênticas, mas o olhar de alguém sob tortura é único. No espelho, escrita com o batom rosa, a mensagem em letras garrafais dizia:

ESQUEÇA BENTHAM, EU SEI O QUE É JUSTO

Nos 23 segundos que se passaram da leitura da mensagem à grande explosão que transformou o 37º DP em ruínas, Timóteo abriu a torneira, molhou o rosto e respirou fundo. Era o mesmo gesto que fazia todas as vezes em que cometia um erro na carreira de investigador, à excessão de quando, 15 anos atrás - e agora sabia -, prendeu o irmão errado.

Samira e Amadeu correram o máximo que podiam e conseguiram se afastar da explosão. Com a delegacia à vista, pararam e se beijaram apaixonadamente, como se pudessem voltar 15 anos no tempo, antes que o romance fosse interrompido por uma injustiça.

ARNALDO PAGANO é formado em jornalismo pela USP, onde atualmente estuda filosofia, é redator do Portal R7 há seis anos e aspirante a escritor e roteirista.



The Straight Story
(História Real)
1999
Dirigido por David Lynch

O DEUS RETORNADO

Por Clara Madrigano

Meu irmão costumava ficar deitado no sofá, mudando de canal aleatoriamente, sem nunca se focar demais em qualquer programa. Alex gostava de ler, mas não gostava muito de falar, e era difícil dizer do que mais ele realmente gostava, pelo menos para estranhos.

Mas eu sabia: gostava de correr. Eu sabia porque o via sair de casa todas as manhãs, seus tênis Nike estourados, já com anos de uso, e só retornar uma hora depois. Não importava muito o tempo; calor ou chuva, Alex estava na rua, nas calçadas, nas trilhas que existiam perto de casa. Eu jamais soube o que o impelia a correr, mas imaginava que era de lá que ele tirava seus pensamentos. Se alguém entrasse na sala enquanto Alex estava vendo TV ou lendo, descamisado e com os cabelos cacheados e castanhos espalhados no braço do sofá, encontraria aquele olhar perdido, aquele silêncio; perguntaria-se no que ele pensava e concluiria que em nada. Se alguém aparecesse durante o jantar, encontraria Alex de cabeça baixa, educado, mas indiferente, fixo sobre as ervilhas do prato, passando-as de um lado para o outro; nenhum pensamento alto em particular. Então eu supunha que as corridas, as escapadas do meu irmão, serviam-no de modo que mais nada servia; que era o "momento," algo só dele, onde ele conjecturava a respeito do que era ser Alex e nas demais implicações daquilo.

Meu irmão manteve sua rotina até o acidente. Foi uma van que o acertou. Alex chegou no hospital já desacordado, e ficou em coma durante alguns dias, período no qual raspavam seus cachos e ele perdeu mais quilos, acentuando sua magreza habitual. Papai, mamãe e eu o visitávamos sempre, mas era difícil reconhecer meu irmão naquela cama, aquele rapaz de rosto cavado e sem cabelos e de pele pálida, aquele rapaz silencioso, como Alex fora, mas desacordado, em algum lugar que não aqui, em algum lugar que não-Alex. Foram semanas de muitas lágrimas; os médicos não sabiam o que nos dizer, se ele conseguiria sobreviver ou não. Quando Alex acordou, as lágrimas se tornaram lágrimas de felicidade. Ele conseguia falar. Ele nos reconhecia, o que os médicos diziam que era bom, porque nenhuma parte de sua memória parecia ter sido afetada. Ele ainda falava de seu modo plácido, mas não tinha lembrança nenhuma do acidente. Aceitou os golpes que seguiram sem muita reação: o médico que revelou que sua perna direita estava em um péssimo estado, que ele recuperaria seus movimentos, mas provavelmente não cem por cento. O que significava: que Alex não poderia mais vestir seus Nikes e escapar pela porta da cozinha. Que aquela fase estava acabada. Ele jamais disse algo a respeito.

A mamãe fez uma festa de boas-vindas. Ela comprou balões e doces e uma faixa e, por um instante, foi como voltar à nossa infância, nossos

aniversários, que se davam na mesma casa, a loucura dos gritos de crianças, das brincadeiras no jardim, de acabar a noite com o estômago dolorido de tanto bolo consumido. Alex chegou empurrado em uma cadeira de rodas, por papai. Ele foi atencioso, como sempre era, aceitou os abraços de avós e de tios, de primos cujos nomes se esquecera, e de amigos que haviam deixado de ser amigos muito tempos antes, antes da adolescência de Alex chegar, de dobrá-lo de tamanho. É uma coisa curiosa a respeito de uma quase-morte: ela traz de volta as pessoas do seu passado. Ela renova o interesse dos outros em sua existência. Falou-se muito em Deus e em milagres. Repetiu-se várias frases clichês: "alguém estava olhando por você," "cada um tem sua hora, e não era a sua." Alex absorveu os comentários sem retrucar, às vezes assentindo, às vezes abrindo um sorriso fraco. Os cabelos castanhos cresciam timidamente por seu crânio marcado pelas cicatrizes das cirurgias feitas. As pessoas queriam alimentar Alex: coma um pouco disto, um pouco daquilo. Está tão magro, eu posso ver todos os seus ossos. Alex comia, mas comia como sempre fizera, como um passarinho, selecionando em bocados pequenos o que ingeriria a seguir.

— Ele passou por muita coisa — papai disse, como se justificando o comportamento de Alex através do que acontecera; como se assim não tivesse sido sempre seu filho.

A festa não prolongou-se por muito tempo. Alex precisava descansar. Ele se despediu de todos os convidados cordialmente, e papai carregou-o nos braços até o andar de cima. Papai, gigante, e Alex, magro e deformado, um feto em tamanho de um humano quase adulto, um humano alto e adolescente, mas fragilizado. Alex dormiu em paz, seu rosto para o teto. Eu abri a porta de seu quarto para verificar; para saber que ele continuava vivo.

Fomos à igreja. Eu não queria, e sabia que Alex não queria, mas mamãe achava bom mostrar gratidão a alguma força divina pela recuperação de Alex, mostrar que não éramos cristãos relapsos (se é que éramos cristãos de verdade) e pagar a devida visita à autoridade. Ela me fez usar um vestido. Ela ajudou Alex a colocar um terno. O pastor dedicou boa parte da missa ao que chamava de "o garoto milagroso." Alex fingiu sorrir, e houve lágrimas e muitas senhoras da igreja, pessoas que eu nem conhecia, aproximando-se de Alex, beijando sua cabeça cicatrizada, e a cena toda me encheu de um tipo de horror, fiquei sem ar, e achava que Alex também estava sem ar. Quando ele deixou de ser o centro das atenções, percebi-o rodar sua cadeira discretamente pelas portas da igreja, para onde conseguiria respirar sem aquele peso, e senti inveja. Papai, mamãe e eu só deixamos o púlpito quando o sermão acabou. Eu fingi rezar; não sabia com quem estava falando, achava que só falava comigo mesma. Na saída, não encontramos Alex, e mamãe teve um princípio de pânico. Eu me afastei deles, contornei a igreja branca, os carros estacionados, e achei meu irmão: sua cadeira estava parada perto do cemitério.

Ele tinha companhia. Um homem alto, usando branco, que colocara

uma mão sobre os ombros de Alex e que parecia falar com ele (Alex assentia sutilmente, por vezes).

— Alex — eu chamei.

E ele virou-se para mim, e o homem desconhecido também virou-se, e eu vi na expressão deles uma coisa estranha, mas Alex, sem dizer nada, sem despedir-se do homem, começou a rodar sua cadeira em minha direção. Quando aproximou-se o bastante, eu me ofereci para empurrá-lo, mas Alex somente murmurou:

— Não, obrigado.

À noite, fui até o quarto de Alex, abri a porta devagar. Ele deitava-se de costas para mim, seus cabelos crescendo lentamente, de modo desigual, evitando as cicatrizes, as estradas que o acidente abrira na cabeça de Alex, mas eu sabia que ele estava acordado pelo modo como respirava.

— Alex — eu sussurrei.

Ele não disse nada.

— Quem era aquele cara na igreja? O que estava falando com você?

Alex continuou quieto. Esperei por mais alguns segundos, e no momento em que comecei a fechar a porta, desistindo, meu irmão falou:

— Ele viu meus sonhos. Ele sabe o que eu vi.

— Que sonhos? — Perguntei.

Alex fez outra pausa.

— Os sonhos que eu sonhei enquanto estava morto.

Senti um leve calafrio.

— Você não estava morto. Você estava em um coma — eu disse.

Mas Alex não me respondeu mais.

As primeiras mudanças vieram quando Alex reaprendeu a andar. Foi um processo lento, sem alarde, como tudo na vida do meu irmão. A perna nunca se recuperou por completo. Ela era agora traçada por uma cicatriz longa e rosada, inchada nos lugares em que os parafusos haviam sido afixados, e Alex jamais conseguiu andar novamente sem um leve mancar. Reconhecia-o à distância pelo modo com que caminhava, uma metade do corpo jogando-se para a frente discretamente, à medida em que avançavam os pés. Alex passou muito tempo em casa. Sentado no porão, onde papai instalou seu quarto, para que ele não precisasse se sujeitar ao suplício de subir as escadas constantemente. Ficava a encarar a televisão daquele jeito distante; pouco falava quando se tentava iniciar uma conversa.

Ele começou a visitar o centro da cidade, porque era mais próximo, exigia menos de suas pernas. Eu passava de bicicleta, com minhas amigas, e via-o atrás das vitrines de lojas aleatórias; cafés ou lojas de peças mecânicas ou mercados pequenos, com aquela postura de estrangeiro, de quem jamais havia pisado ali; cheguei a vê-lo até em uma livraria, muito concentrado no topo de uma das estantes, a a vendedora parada logo atrás dele, uma expressão incerta no rosto, perturbada pela mera presença de Alex, sua imobilidade, que tanto fazia-o parecer uma estátua.

— Lá vai seu irmão esquisito — disse Agatha, parando a bicicleta um

pouco adiante da minha. (Agatha, minha amiga desde que consigo me lembrar de ter amigos; Agatha, que uma vez me propusera um pacto de sangue, para nos tornarmos irmãs para sempre, mas que ficara chocada quando eu de fato furei meu polegar com uma agulha e a gotinha de sangue fresco surgiu. “Não, sua boba. A gente não faz de verdade, só finge que faz. Você quer pegar AIDS ou hepatite?”).

Ela tocou a buzina enfeitada com fitinhas rosadas, e quase todos que estavam na livraria se viraram para vê-la, menos Alex.

— Não fale dele assim — eu murmurei.

— Bem, mas ele é esquisito — disse Agatha.

Eu já estava em casa quando Alex chegou. Ele trazia uma sacola cheia de livros. Desceu as escadas sem dizer nada, sem nem mesmo me cumprimentar.

Algumas semanas depois, registrei um fator incomum: ele começara a cortar os cabelos. O pouco que crescera desde que voltara do hospital, Alex raspava ordenadamente com uma máquina. Fazia a barba. Deixava o banheiro um outro adolescente, alguém que pouco lembrava meu irmão de cachos compridos, de barba precoce, quase sempre descuidada.

— É mais fácil viver assim — ele me disse, na única vez em que perguntei a respeito; o que ele estava tentando fazer? Existia algum objetivo? — Eu fico mais limpo.

Alguns meses se seguiram. Alex seguia a rotina de passar metade de seu tempo trancado no porão, a outra metade na escola, onde não falava com quase ninguém; e onde as pessoas deixavam-no em paz, como se Alex, depois de seu miraculoso retorno aos vivos, sua nova aparência, face limpa e escalpo limpo, inspirasse algum tipo de admiração, ou de temor.

Foi durante um jantar que ele anunciou:

— Vou sair com alguns amigos.

Meu irmão não tinha amigos; era algo que todos sabíamos, e mãe e pai e eu trocamos olhares rápidos, a mesma coisa passando por nossas cabeças.

— Que bom, Alex — papai disse, querendo parecer sinceramente satisfeito. — Quem são eles?

— São só amigos — disse Alex.

E foi aquilo.

Ele saiu logo depois que terminamos a janta. Mamãe e papai ficaram na cozinha, sussurrando alguma coisa, enquanto eu fui para a sala, puxar a cortina da janela e espiar Alex partir. Casaco, capuz puxado sobre a cabeça, mãos nos bolsos, andando sozinho pela calçada, como se não pretendesse encontrar ninguém; fiquei observando-o até ele desaparecer na esquina.

As amizades misteriosas de Alex ocupavam muito os pensamentos dos meus pais, mas não mais do que os meus, porque logo descobri que ele falava a verdade. Em duas ocasiões vi Alex acompanhado.

Primeira vez: na saída de um bar, com um homem de cabelos brancos e de roupas brancas e óculos muito grandes, que falava e falava e falava, e Alex escutava em perfeita concentração, quase em adoração, algo que eu nunca presenciara no rosto do meu irmão; aquele sorriso que procura

agradar, que diz o que palavras não podem dizer, conte-me mais, conte-me tudo. Era o mesmo homem que eu vira na igreja. Nenhum dos dois reparou em mim.

Segunda vez: Alex e um bando que parecia-se muito com Alex—todos quietos e movendo-se pelas calçadas como se não pretendessem perturbar nenhuma parte do universo, meu irmão notável por causa de seu mancar. Alguns também estavam com os cabelos raspados, e um medo percorreu minha espinha: skinheads? Alex estava confraternizando com skinheads?

Decidi confrontá-lo. Desci até o porão, que agora era todo de Alex, mas que não parecia-se com o reduto de um adolescente: cheirava a limpeza recente. Os móveis estavam em ordem, a cama estava em ordem e Alex estava no sofá. A televisão estava ligada. Ele tinha um livro aberto no colo. O que primeiro me chamou a atenção foi que Alex estava completamente vestido de branco, calças e camisa. Uma camisa de verdade, com botões, coisa que não pensei que chegaria a ver meu irmão usando, algum dia. Com aquele branco a me remeter a um hospital, com a cabeça raspada e sua magreza e palidez apenas acentuada, Alex me fazia lembrar—e eu não queria associá-lo àquilo—de câncer.

— Quem são seus amigos? — Eu perguntei.

Ele parou de ler. Pareceu surpreso quando me viu ali.

— Meus amigos?

— Que estavam com você. No centro.

— Só amigos.

— Eles são skinheads?

— Skinheads? — Repetiu Alex, mas sem nenhuma flexão de curiosidade na voz. — Não.

— Por que estavam todos de cabeça raspada? — Eu perguntei. — Por que você raspa a cabeça? De verdade.

Ele pareceu considerar responder, mas acabou por dar um suspiro cansado.

— Eu realmente gostaria de terminar de ler, se não for um problema para você — disse ele.

Havia uma pilha de livros na mesa de centro, além daquele que Alex tinha no colo. Li o título daquele que estava no topo: "O mundo interior: o que Deus deixou inacabado e Aquele que virá." Parecia o nome de alguma fanfic. Deixei Alex em paz, subi até meu quarto e, no laptop, procurei por qualquer incidente a envolver skinheads nas proximidades em que vivíamos; não encontrei nada.

Alex decidiu que era preciso modificar a casa. Certa vez, quando cheguei da escola, ele estava guardando os retratos que tínhamos na sala. Colocava-os dentro de caixas de papelão, com cuidado, para que nada se quebrasse.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei, retirando minhas cotoveleiras.

Alex, que agora só vestia-se de branco, me encarou sem muito interesse.

— Me livrando de todas as formas de ídolos — disse ele.

— Ídolos?

— Fotografias são uma espécie de ídolo, sabia?

Ele nunca me encarou; nem para ver minha careta de suspeita.

Apenas continuou a falar:

— O momento que se congela no tempo, ao qual sempre se retorna, que se idolatra.

— Alex, eu nem entendo o idioma em que você está falando.

— Está tudo bem.

— Você quer dizer que fotos de nós dois acampando com o papai são ídolos? Do quê? Do salmão que a gente pescou?

Mas ele não me deu mais importância. Continuou sem trabalho. Quando papai chegou, comuniquei-o do que acontecera. Ele exigiu que Alex devolvesse a caixa, houve uma breve discussão alta, mas Alex consentiu; entregou a caixa a papai e retornou para o porão com um murmúrio indecifrável. Papai recolocou os retratos nos lugares em que eles pertenciam.

— Eu não queria te dizer isso... — Agatha começou.

Estávamos deitadas na grama do jardim dela. Os mosquitos do verão pinicavam nossa pele, o sol fazia o suor grudar em nossos cabelos, nossa testa, e chupávamos preguiçosamente picolés caseiros, feitos com Kool-Aid.

— Mas já começou a falar, então acho que quer me dizer, seja lá o que for — retruquei eu.

— É sobre o seu irmão.

— OK.

— Ele anda se enturmado com um tipo... não muito recomendável.

Eu pude sentir meu coração bater mais rápido sob a regata colorido que usava.

— Que tipo? — Perguntei.

— Dizem que é um culto.

— Skinheads?

— Skinheads não são um culto — Agatha disse, com ar de deboche. — É outra coisa. Uma coisa religiosa. Algo sobre desapego e retorno a origens.

— Quem são eles?

— Não sei. Ninguém parece querer falar sobre isso. Eu sei porque meu primo me contou. Ele viu seu irmão com eles. Estavam tratando ele como um tipo de messias.

— Alex, messias?

— Ou sei lá. Garoto milagroso. De qualquer jeito, eles estavam falando de um rito de iniciação.

— Quando?

— Faz uns dois dias, eu acho.

— E só agora você me diz?

— Sei lá. Não é o tipo de coisa sobre o que se fofoca.

— É exatamente sobre o tipo de coisa que se fofoca. Onde eles fizeram

essa iniciação?

— Meu primo disse que iam para a represa. Mas sei lá.

Eu já estava de pé, limpando minha boca melada de picolé.

— Ai, meu Deus, você não está pensando em ir lá, né? — Perguntou Agatha. — Foi há dois dias.

Mas foi exatamente o que eu fiz. Com meu equipamento de ciclismo acoplado, montada na bicicleta, pedalei até a represa. Agatha me seguiu, parecendo temerosa, embora eu não soubesse o que a perturbava. A represa estava vazia. A água parecia tão limpa e parada que refletia nossas imagens, duas pré-adolescentes em suas bicicletas, como um espelho. Se algo se dera ali—um batismo ou qualquer coisa do tipo—não restara sinal algum, apenas a placidez da represa.

Eu achei Alex perambulando pela casa, uma vez, durante a noite. Desci as escadas em minha camisola. Ele estava no meio do escuro, de pé, parado e observando a casa, então se virou e me viu. Eu não conseguia ver seu rosto—seu rosto era apenas um poço de sombras.

— Eu mudei — ele disse.

Eu não respondi.

— Eu sou outra coisa. Você entende isso? — Ele perguntou.

Eu continuei sem responder. Subi devagar as escadas e retornei para o meu quarto.

Alex parou de lavar sua louça. Deixou de lavar suas roupas.

— Elas não vão se auto-limpar, sabia? — Perguntei, quando encontrei-o sentado à mesa da cozinha, pacientemente lendo seu livro. Ele baixou o exemplar ("O Deus Retornado") e me observou com a calma de sempre.

— Os afazeres do lar são deveres da mulher — disse.

Eu não sei o que me acometeu. Foi uma mistura de coisas: o fato de eu nunca ter esperado escutar aquilo de Alex, o modo com que ele falou, como se nada pudesse ser mais natural, sua calvície auto-imposta, sua existência, ser o completo oposto do outro Alex, o Alex que eu antes conhecera.

— Vá se foder — eu disse, cada palavra lenta.

Eu não notei em uma mudança muito perceptível na reação de Alex; foi quando reparei que ele também estava raspando as sobrancelhas.

— Não fale assim comigo — disse ele, e vi a raiva quebrar aquela placidez pela primeira vez.

— Eu falo com você como eu quiser. Eu sou sua irmã.

— Você não é minha irmã.

— Sim, eu sou.

— Você foi minha irmã em outra ocasião. Quando eu era outro Alex. Meus irmãos e irmãs agora são outros. Você é só uma garota com a qual eu divido a casa.

— Sabe o que eu acho? Que aquele acidente ferrou com a sua cabeça. Deviam colocar alguns parafusos aí dentro, também.

Ele levantou-se de repente, como se quisesse me agarrar e me dar uma lição. Ele poderia tentar. Eu queria que ele tentasse. Porque embora eu fosse mais nova e menor, eu brigava como ninguém, coisa atestada por duas garotas e três garotos do colégio, coisa documentada por Agatha, e Alex poderia tentar e tentar, mas eu pretendia fazer tanto estrago à cabeça lisa dele quanto ele parecia querer fazer a mim. Aquele não era meu irmão. Eu não sabia mais quem Alex era. Eu só sabia que encarava seu rosto e sentia medo, porque havia ali a chama de um fanatismo, uma aura quase mística a envolvê-lo, algo que me causou (e que ainda me causa) calafrios. Ele pegou o livro, e achei que o atiraria contra mim, mas o que Alex fez, contra o que indicava a raiva em seu semblante, foi meramente colocá-lo sob um dos braços; aquilo e me dar as costas, mancar de volta para o porão e trancar-se lá.

À noite, escutei a discussão que ele e nossos pais tiveram. Fingi estar dormindo. Desliguei a luz do meu quarto, mas andei em silêncio até a porta, grudei os ouvidos na porta e escutei as vozes que reverberavam pelo corredor. Papai foi firme: disse que ou Alex daria um jeito de limpar sua própria sujeira ou teria de encontrar um novo lugar para ficar. A voz de Alex não era alta; eu não deveria ter ouvido, mas ouvi. Ele disse que aquilo logo não seria mais um problema.

Estranhos apareceram na frente da nossa casa, uma vez. Eles no tocaram a campainha. Não bateram na porta. Só soube que estavam lá quando, passando pela sala, relancei-os na calçada. Eu abri a porta.

— Ele está aí? — Um deles perguntou. Roupas brancas, roupas brancas por todos os lados. Eu sabia que o ele a que ele se referia era Alex.

— O que vocês querem? — Eu perguntei, e uma nota de confusão saiu junto.

Eles consideraram minha figura por alguns instantes.

— Nós vamos esperar — aquele primeiro disse.

Bati a porta na cara deles.

A garota surgiu alguns dias depois. Ela usava branco, como Alex usava, mas sua cabeça não era raspada, e sim tomada por uma cabeleira ruiva e cacheada. Seu rosto era de boneca, seus lábios em forma de coração. Alex deixou-a entrar pela porta da cozinha, enquanto eu comia meus cereais.

— O que é isso? — Eu perguntei.

Eles não falaram comigo. Alex mostrou a pia à garota, a disposição habitual de nossa cozinha, armários, comida e produtos de limpeza, e depois levou-a por um tour pela casa. Escutei a porta do porão abrir e fechar-se; e, após algum tempo, abrir de novo, os passos dos dois a subir as escadas. Meu cereal amoleceu no meio do leite.

— Quem é você? — Eu perguntei à garota, quando eles ressurgiram

na cozinha. Ela continuou calada. Abriu a torneira, começou a lavar a louça.

— Ela é minha noiva — disse Alex.

Eu tentei ignorar o absurdo daquela resposta.

— Ela é muda? — Perguntei.

— Não. Ela não fala com você porque eu disse para não falar.

Aquilo foi demais para mim. Peguei meu prato de cereal e levei até meu quarto. Fiz questão de trancar a porta e me deitei na cama, sem comer, sem dizer nada, respirando devagar, mas sentindo um medo estranho me dominar. Cogitei ligar para a polícia. Dizer: meu irmão, que não é mais meu irmão, trouxe sua noiva muda para casa, e agora está obrigando-a a fazer as tarefas domésticas. Fiz o possível para imaginar como isso soaria a ouvidos estranhos e concluí que me tomariam por alguém pregando uma peça, ou uma louca; e a louca da história não era eu. Não sei por quanto tempo a noiva muda de Alex esteve em casa. Não ousei sair do quarto. Faltei à aula, o cereal transformou-se em mingau no meu prato intocado, o dia virou tarde do outro lado da janela. Destranei a porta apenas quando escutei a voz dos meus pais. Eu desci as escadas devagar. Não havia sinal de Alex e nem da garota. Quando contei o que acontecera, meu pai deu um longo suspiro. Sentou-se no sofá, colocou as mãos no rosto e ficou naquela posição por muito tempo. Me perguntei se ele chorava.

Alex formou-se algumas semanas depois. Ele reuniu alguns poucos pertences seus, a maioria livros, e partiu. Não tivemos mais notícia dele; ele não deixou endereço de contato. Mamãe ligou para todos os parentes que tínhamos, desenvolveu o Sinal Alex, que consistia em alguém alertá-la sempre que se tivesse notícias do meu irmão, mas ninguém tinha. Diziam coisas diferentes na cidade; diziam que Alex e o culto haviam saído da América, migrado para a Rússia; diziam que não existia culto, que Alex e alguns doidos decidiram ser doidos juntos, em algum lugar privado (mas me perguntei se aquilo não seria uma definição satisfatória de qualquer culto); Agatha me contou, através de seu primo, que não haviam fugido para a Rússia, mas que estavam em algum lugar do país, possivelmente Pensilvânia, em alguma comunidade estilo Amish. Dizia-se muita coisa; o que não existiam eram as evidências. A mim, sobraram as memórias do antigo Alex, o Alex que colecionava Star Wars, os filmes e os livros do universo expandido, o Alex que corria, que deixara seu velho tênis Nike em seu antigo quarto, o quarto que ficava perto do meu.

A única notícia de Alex chegou quase dois anos depois. Era uma carta. A carta tinha duas páginas, que eram cobertas pela caligrafia de Alex (algo que não mudara). Na carta, ele referia-se a nós pelos nomes completos, nunca mamãe e papai, nunca meu apelido, e informava que passava bem, que estava casado e que agora era pai. Ele dizia que escrevia em papel porque haviam abandonado a tecnologia; estavam querendo uma vida simples. Com a carta, porém, enviara uma foto, uma

foto de boa resolução, que me fez perguntar exatamente o quanto de tecnologia eles haviam banido. A foto mostrava Alex, de branco e sem cabelos, ao lado de uma moça, a mesma moça ruiva que eu vira, e que agora estava careca como Alex. A moça segurava um bebê: uma criatura rechonchuda, com os olhos grandes e inquisidores de Alex, mas com indícios de cabelo ruivo crescendo na cabeça; cabelo que, pensei, seria raspado na primeira oportunidade. Mamãe chorou por horas; chorou abraçada à carta e à fotografia. Eu não consegui chorar. Eu li e reli a carta. Eu comprei os livros que Alex lera e os li também. Eu descobri o que era o mundo exterior e o mundo interior. Eu descobri o que era O Deus Retornado. Eu descobri que o culto existia, que um homem fundara-o em 1906, e que o mesmo homem morrera em seu quarto, muito jovem, uma morte que ainda causava controvérsias, que alguns de seus discípulos diziam ter sido um suicídio comandando pela própria vontade; alguém que morreu porque queria morrer, cansado de esperar pelo novo messias, decepcionado com o mundo materialista que explodia à sua volta, e que condenara seu corpo a deixar de funcionar pelo mero pensamento, um triunfo do mundo interior. Eu quis queimar aqueles livros, mas não os queimei. Deixei-os guardados no porão (agora vazio).

Eu pedalei. Eu pedalei por toda a extensão da cidade. Eu pedalei com a força com que os pés de Alex haviam passado por aqueles lugares. Eu disse a mim mesma que não estava fugindo de nada, nos momentos em que pedalava; eu dizia que estava me preparando. Para o quê? Eu pensava no bebê de rosto cheio, de cabelos ruivos, e pensava na sombra do meu irmão sobre ele, o Alex que não era mais Alex, o Alex que era outra coisa. E pensava que eu precisava estar forte, se quisesse salvar aquela criança. Se conseguisse. Eu só pedalei.

CLARA MADRIGANO é escritora e jornalista, finalista premiada pelo concurso de roteiros do produtor da BBC John Yorke.

Mulholland Drive
(Cidade Dos Sonhos)
2001
Dirigido por David Lynch



O CAMINHO DO HERÓI

Por Daniel Gruber

Amanhã você está de aniversário. Porra, vinte e cinco. Se você tivesse uma namorada, parceiro, ela lhe compraria aquela caixa edição limitada de *Império Gorlak* no formato de uma cabeça glunkor que se divide em duas.

Certo, talvez sua mãe já tenha comprado e esteja embrulhada num papel de presente reutilizado na parte de cima do roupeiro, o lugar onde ela esconde os presentes que compra e os papéis de presente que sobram dos presentes que ela ganha. Só que não. Essa edição só está disponível no gorlakempire.com para membros com assinatura gold.

De boa. Hoje você não é mais o garoto esquelético e introspectivo (solitário?) com trejeitos afeminados e feições de psicopata (cientista louco?) que o mundo menosprezou. O pobre garotinho que nunca foi escolhido para um time de futebol no colégio, que sequer completava duas voltas na quadra (asma?) e teve seu convite para o baile junino recusado por Helena Coração Gelado (me desculpa, colega, meus pais não me deixam ir à festa, sons de cochichos, depois ela no baile com Ramon da oitava B, mais sons de riso, aquele som que nunca vai sair da sua cabeça).

Não mesmo. Hoje você não é mais aquele garotinho que o pai deixava no vácuo quando você tentava explicar que, quando crescesse, seria um famoso desenvolvedor de jogos de computador. Ele (o pai) já terá ido embora com aquela mulherzinha insuportável e sua enteada estúpida e gorda quando você se tornar um autor de livros de ficção especulativa e estiver dando palestras super-engraçadas nas convenções.

Hoje você é Baco Dedos-Furtivos, guardião meio-fauno, nível 3. Sua busca: percorrer a sombria Cidade do Medo e encontrar a Princesa do Oriente Distante, a quem você deve livrar do Insuportável Tédio da Existência.

É seu aniversário e só VOCÊ poderá triunfar no Caminho do Herói.

Vá para 1.

1

Vocês estão bêbados. A garota diz se chamar Mika e está supostamente mais bêbada que você. Parece ter uns dezoito, mas você não tem certeza, você acha que todas as japonesas têm cara de garotinhas inocentes. O pavilhão onde se desenrola o festival de bandas dá a impressão de um lugar projetado para torturar prisioneiros, e pessoas suadas e de preto colaboram para torná-lo mais escuro e abafado. O barulho que sai das caixas de som parece a trilha sonora de um prédio em construção. O espaço aéreo é frequentado por coturnos que passam

muito perto de suas cabeças. Em cima do palco, três caras cabeludos se agitam sobre seus instrumentos, enquanto um barbudo com uma cruz virada no pescoço grita algo incompreensivelmente infame. Você se pergunta que diabos está fazendo ali. Não preferia estar no seu quarto, aumentando o level de seus personagens?

Fim do show e a garota nem abriu a boca. Está vestida com uma saia de pregas xadrez bem curta, camiseta desbotada e pulseiras e botas de couro, e seus olhos estão escondidos pela maquiagem escura. Na saída, você imita os caras da banda anterior, aquela que você gostou médio, demonstrando numa imitação rudimentar de *air guitar* o quanto eles eram foda-para-caralho, e a forma quase obscena como o vocalista alcançava aqueles agudos, minha nossa. A garota esboça um sorrisinho mole e pousa a mão no seu ombro, fingindo estar se escorando em você de forma accidental. Bem, o que você propõe?

“Vamos atrás de mais bebida.” (vá para 2.)

“Legal que você veio.” (vá para 5.)

2

“Vamos atrás de mais bebida”, você diz, e a conduz até uma loja de conveniências. A garota do caixa o observa como se você fosse o cara mais entediante que passou por ali naquela noite, e você estaria disposto a provar que ela está errada, mas etc. etc. E enquanto você paga por uma vodca barata, avisa a Mika que vai acompanhá-la.

“É mesmo?”, ela diz. “Pra onde?”

“Pra minha casa.” (Deveria ter um ponto de exclamação logo ali, no fim da frase, ou você esqueceu a educação em casa, campeão?)

“Tu tá de carro?”

“Não, eu não tenho carro.”

“...”

“Vamos de ônibus”, você sugere. (vá para 4.) Ou: “posso te levar a pé?” (vá para 7.).

3

“Nem pensar, é perigoso”, você diz. Então você olha para os lados e avista dois garotos caminhando do outro lado da rua – usando bonés de aba reta e zoando na noite, só podem ser marginaizinhos, você pensa. O ônibus chega. Os garotos passam reto por vocês. Mika se joga em um banco vazio e põe o rosto para fora da janela.

“Preciso mijar”, ela repete, e se contorce para segurar a bexiga.

Você tenta distraí-la, mas o silêncio toma conta do seu solilóquio. É quase de manhã. Melhor começar a pensar em fazer coisas necessárias, como ganhar a vida, ser alguém foda. Você olha para Mika. Ela está apagada sobre o banco, com a boca toda aberta, como se estivesse morta. Olha para as pernas dela. Sua saia está molhada. Há uma poça amarelada escorrendo debaixo dela, sobre o banco, pingando no chão. Puta merda. Puta merda. Quando o ônibus chega à parada mais próxima de sua casa, você discretamente puxa a cordinha e desce. Do lado de fora, você ainda

consegue ver a cara de Mika prensada contra o vidro da janela, enquanto o ônibus se afasta. **Fim.**

4

“Vamos de ônibus”, você sugere. Mika faz um esforço danado para se manter de pé, mas logo vocês se colocam em marcha. Ela é uma garota pálida-doentia e você até gosta de garotas magras, mas ela tem um aspecto meio surtado e tal. Você não tinha como saber disso, é claro, mas quando Mika tinha treze anos, sua rotina incluía frequentar blogs com dicas para suicidas. Ela chegou a salvar o link de alguns desses sites na área de trabalho do computador, na esperança involuntária de que alguém da família o encontrasse e pensasse meu deus, como não percebemos antes quanto nossa menininha está sofrendo? Mas isso nunca aconteceu.

Mika para de repente e diz: “preciso mijar”.

“Depois tu mija. Tu mija na minha casa.”

Caminham mais um pouco, meio querendo vomitar, meio tropeçando nos pés.

“Do que tu gosta?”, ela pergunta.

“Como assim?”

“Parece que tu gosta de coisas esquisitas.”

“Não. Não. Eu gosto de coisas normais.”

“Eu gosto de pessoas esquisitas”, ela diz.

“Eu acho Ozzy solo melhor do que Sabbath”, você diz.

“Meu deus, você é doente”, ela diz.

“Vai ser legal na minha casa”, você acrescenta.

“Ok. Mas só se tu me deixar mijar”, ela barganha.

“Nem pensar”, você diz. (*vá para 3.*)

Ou: “certo, vá em frente”. (*vá para 6.*)

Ou: “ok, mas seja rápida”. (*vá para 9.*)

5

“Ok. Legal que tu veio”, você diz. “Ok”, ela diz também, e caminha até a calçada para esperar um táxi. Não parece muito realizada com a noite. Você espera o momento em que ela vai olhar para trás e ver você sorrindo como um debilóide, e comentar alguma coisa que você não vai ouvir direito, e então você vai até ela e diz que não ouviu o que ela disse, e ela hã? O quê?, e repete, e você inicia uma conversa, o quê?, e vocês caem na risada. Você ainda espera. Espera um pouco mais. O táxi para. Ela entra. O táxi vai embora. Bem, você tentou, amigo. Conversa não é o seu forte. **Fim.**

6

Você a leva até um canto escuro nos fundos de um supermercado. Ela se abaixa, abre as pernas, coloca a calcinha para o lado e começa a mijar. Você põe a mão no bolso enquanto olha. Ela termina, vocês voltam a

caminhar até a parada.

No jogo em que vocês se conheceram, *Guerra da Escuridão Online IV*, a personagem de Mika era uma elfa arqueira de pele prateada, peitos colossais e vestia quase só uma tanguinha de couro. Seria legal se Mika fosse assim na vida real.

Para flertar com ela, você usou seu Carisma, já que não poderia contar com sua Aparência + Lábia para obter um bom resultado.

Nos seus perfis nas redes sociais, Mika costumava postar fotos com maquiagens góticas e corpetes que imitavam espartilhos do século dezenove. Tirava fotos deitada na cama, em poses que julgava sensuais, olhando para o teto ou para os lados, fazendo biquinhos que também julgava sedutores e melancólicos. Foi com fotos como essas que ela fez 2.576 amigos, muitos deles considerados por ela <interessantes> e <atenciosos>. Nesses perfis, ela costumava deixar visível publicamente suas preferências por sexo anal e transar com mulheres. Se comunicava diariamente com CavaleiroNegro666, que ela acreditava ser um guitarrista de heavy metal extremo e que nunca descobriu se tratar, na verdade, de um atendente de loja de artigos para informática, que insistia em manter cabelos compridos mesmo com o avanço da calvície.

Então vocês chegam à parada de ônibus.

“Eu tô bolando um jogo de videogame”, você diz. “É sobre um cara que é um dos últimos sobreviventes de uma invasão alienígena, e ele tem que destruir várias espécies de criaturas tecnologicamente superiores usando só uma faca de cozinha”.

“Maneiro”, Mika responde. “Tu é programador?”

“Ainda não. Mas um dia eu pretendo ir pros Estados Unidos ou Japão, ainda não decidi, e trabalhar numa empresa foda.”

“Hum.”

Bem lembrado: você cansou de insistir que seria um puta designer de jogos e seu pai sempre respondia com aquela indiferença mortificante, hum, você que sabe, mas acho que você devia pensar em ter um trabalho de verdade antes, então você dizia que não era um hobby, e ele retrucava: quero dizer, um trabalho sério, estável. Depois ele virava as costas, a geração de vocês só pensa em fazer o que gosta. Bem, e ele, machão-alfa, que trabalhou trinta anos naquela companhia de seguros de quem recebeu um pé na bunda sem mais nem menos, faltando cinco anos para se aposentar. Cadê a estabilidade agora, espertalhão? Agora ele tem que ganhar a vida vendendo produtos de limpeza para máquinas industriais e sustentar aquela patricinha que ele catou num shopping de quinta. O pai de Kafka também não queria que ele fosse escritor, não é? Isso era coisa de um inseto imundo e vejam só no que deu.

Mika parece cada vez pior. No ônibus, ela balbucia coisas sem sentido e gira a cabeça para os lados, feito uma Linda Blair endemoniada, e se escora com os pés sobre o banco e apaga. Ela acorda mais adiante, com cara de quem vai golfar.

“Meu nome na internet é Mikomi Nakama”, ela diz, aparentemente delirando. Você pensa por um tempo. Aquilo soa idiota.

“O que quer dizer?”

“Não quer dizer nada, babaca, é um trocadilho.”

“ ... ”

Ela tenta explicar, meio que soletrando: “mi-komi-na-kama”.

“Uau! Nossa!”, você balbucia.

“Meu nome real é Micaela, me chamam de Mika porque eu sou yonsei.”

“Sei.”

“Yonsei. Bisneto de japonês.”

Você pensa: qual é, cara, você não é mais cabaço. Já comeu quantas na vida? Mais de sete? Cinco, contando as que você *não pagou*? Você não vai deixá-la ir embora sem ao menos pagar um boquete, não é? Não seja bundão. Então é melhor você testar sua sorte. Cruze os dedos, você precisa obter o seguinte resultado, ou maior:

Se passar no teste, *vá para 8*.

7

“Posso te levar a pé?”

Vocês começam a caminhar pela quadra e Mika pergunta se você mora longe. Se você tivesse uma namorada (caso você quisesse ter uma namorada, o que você não quer, e perder essa liberdade de fazer o que te der na telha a qualquer hora, sem aporrinhção? Não é mesmo) ela seria exatamente como Mika. As japas são gatas, haha. No jardim da frente de um prédio chique, Mika se ajoelha e começa a rir. Está muito bêbada. Você tenta erguê-la pelo braço, mas ela se joga na grama úmida e começa a rolar. Você a observa fazer aquilo como uma débil mental enquanto aguarda auspiciosamente que a saia dela escorregue e você possa ver um pedaço de sua calcinha, mas ela se põe de joelhos novamente e começa a se engasgar com a própria saliva. “Não vou conseguir”, ela diz, com os olhos semi-desfalecidos.

Ela não vai conseguir. Então *vá para 4*.

8

Antes de vocês desembarcarem, Mika tenta agredir o motorista, por não ter parado quando você puxou a cordinha. Você tem que segurá-la pelo braço e pedir desculpas por ela estar tão bêbada. A certa distância do seu prédio, você considera as opções: 1) convidá-la para assistir a um vídeo engraçado e estabelecer as regras; 2) deixá-la à vontade e embebedá-la mais; 3) ser macho de verdade e começar a beijá-la, como um macho faz.

Antes de chegar ao seu prédio, porém, Mika vomita no canteiro de uma casa. Depois vomita mais uma vez na porta do seu prédio.

“Tu mora sozinho?” ela pergunta.

“Com a minha mãe”, você diz. “Mas ela não tá em casa.”

“Tipo, quantos anos tu tem?”, Mika pergunta. “Tu trabalha?”

“Trabalho numa loja de peças automotivas.”

“A-ha!”, ela grita, como se dissesse “sabia que você era esquisito.”

Seu quarto é pequeno, tem um Cavaleiro Gorlak de alumínio junto a uma coleção de filmes, uma Princesa Leona Escrava, um dicionário glunkoriano e seu quimono de hapkidô. Mika se estende na cama e fecha os olhos. Você queria ser um mutante psíquico para levantar a saia dela com o poder da mente. Você se senta ao seu lado e começa a passar a mão na coxa dela. Ela ignora sua mão, que continua a subir. A mão entra por debaixo da saia e você sente a calcinha dela, fina, úmida e cravada entre as pernas. Na boa, fera, chegou a sua hora. Você é o homem da situação e terá de enfrentá-la:

MIKA RESISTÊNCIA 8 ENERGIA 11

Se você vencer, vá para 10.

9

“Ok, mas seja rápida”, você diz. Mika corre até uma construção em obras e se agacha atrás de um montinho de brita. Você está nervoso, olhando ao redor, porque Perigos da Noite rondam a Cidade do Medo. Poderia rolar um Encontro Aleatório que resultasse em 1-6 Assaltantes Vorazes, com bônus de iniciativa (Ataque Surpresa, Tendência Hostil) e portando Faca/Arma-de-Fogo com dano Agravante/Fatal.

“Faz barulhinho de água pra mim”, Mika sussurra.

Você olha para o montinho de areia por um tempo.

“Oi?”

“Não tá saindo.”

Você começa a imitar o barulho de uma cachoeira, mas certamente não passou em um teste de Imitar Sons Aquáticos com dificuldade moderada, porque Mika logo se levanta, ajeitando a saia e batendo a areia das pernas.

“Deixa.”

Na parada de ônibus, estão só vocês e um velho fumando. Mika cruza os braços. O velho encara vocês, soltando a fumaça do cigarro lentamente. Você se posiciona entre Mika e o velho, porque essa é a atitude que se espera de um Guardião. Quando você se vira, vê a cara do velho se projetando na sua frente.

“Mano, tem um baseado?”

Você não tem. Gostaria de ter, só para dar a ele.

“Não temos”, diz Mika, fazendo cara de chateada.

O velho sorri e continua bafejando a fumaça do seu cigarro.

“Meu deus, preciso mijar”, Mika fala baixinho no seu ouvido.

O velho: “essa galera da idade de vocês é bem perdida, hein?”

Você sorri e leva Mika para mijar mais uma vez. *Vá para 6.*

10

Mika se levanta, monta no seu colo, você vai tirando a blusa dela devagar. Já passa pela sua cabeça infinitas cenas de pornografia *soft* e *hard*. Você já imaginou pelo menos quatro posições que poderiam

impressioná-la. Mas quando chega na parte de baixo da roupa, Mika o segura fortemente pelos punhos e sussurra: “sou virgem.”

Você se detém por um instante e fica sentado na beirada da cama. Mika se levanta, veste suas roupas e se senta ao seu lado.

“Vou pagar o táxi”, você diz. “Onde tu mora?”

“Deixa. Eu me arranjo. Tá tudo certo.”

Você a acompanha até o ponto de táxi, paga um cachorro-quente para ela e se despede com um beijo na bochecha. Mika sorri, entra no carro e vai dormindo no banco de trás. Vocês nunca mais irão se ver. Você volta para o apartamento, toma umas doses de vodca e vai dormir.

Você perdeu.

Feliz aniversário.

Fim.

DANIEL GRUBER nasceu na região metropolitana de Porto Alegre, em 1984. É jornalista, doutorando em Escrita Criativa pela PUCRS e mestre em estudos culturais. Publicou contos em antologias, entre elas Melhor não abrir essa gaveta – contos de razão e loucura (Terceiro Selo, 2014), organizada por Luiz Antonio de Assis Brasil. Mantém o blog blogogrifo.wordpress.com.

Inland Empire
(Império Dos Sonhos)
2006
Dirigido por David Lynch



O MUNDO DE DEYLIAN

CARTER

Por Ulisses Neves Corrêa

Entramos todos no quarto. Na mesa, uma arma.

Todos se olhavam e gravavam suas expressões aborrecidas e mal encaradas, todos com rugas na cara, cicatrizes e ar impiedoso nos olhos, alguns o sexo não identificava, carecas ou com muito cabelo, frenéticos e surtados, olhavam para todos os lados, a homogeneidade daquele quarto.

Tudo estava escuro, mas suas expressões acesas como uma lanterna iluminavam todo aquele lugar sombrio e chato, de repente alguém dá um passo a frente e novamente tudo fica escuro, quadros atravessam em minha frente, me sinto flutuando, caindo de cabeça para baixo, o vento corta e estiliza tudo que estava me cercando e me amedrontando.

E novamente me vejo em seus braços, a velha puta que deu o primeiro passo, dessa vez jovem e bela, ameaçava a me dar um pedaço de algo que escondia em seus braços. Me aproximo para ver de perto, e uma voz grita de seu ventre:

- Pelo amor de Deus! Me ajude, me ajude! Me tire desse ventre, com vida! Me faça vida, me faça vida!

- E como farei isso? – Pergunto logo.

- Me tire daqui, me tire daqui!

- E como faço isso? – Desta vez, bravo eu grito.

- Me dê um presente, um coelho, se não um gato... dependendo estou aceitando até mesmo um rato, uma barata... qualquer coisa, mas não me deixe presa aqui, me deixe sair, me tire daqui!

Então decido pensar rápido, abro minha boca e enfio meu braço goela abaixo e do meu estômago retiro um velho diário, que comigo esteve sempre bem guardado. Então pergunto:

- Serve um velho diário?

Então se fez um grande silêncio, a velha puta de repente cai no chão e grita, sorrindo:

- De quem é esse velho diário?

- De algum doutor ou deputado. – Respondo logo.

- Muito obrigada, desta vida que vivo nunca mais de minha carne sofrerei, agora deste diário meu passado se fará e meu futuro brilhante talvez acharei... mas sei que ainda assim do sofrimento vou experimentar e a dor ainda vai me rodear, mas puta nunca mais serei! – Enquanto dizia isso, a velha e assombrada se transformava em uma pura e ingênua vovozinha. Me encarava maldosamente com seu vestidinho costurado a mão e o velho diário agarrado a seu peito.

Então perguntei:

- O que te falta para sair da minha frente?
- Uma informação que ainda guardo em minhas carnes.
- Fale logo!

- Quem procuras para o inferno mandar se esconde nas memórias dos puros e inocentes, minha vida destruiu, puta me tornei, mas sei que não sou a única, mas saiba, as almas que se regeneram e cumprem de fato seu destino, a esse assassino, um pedaço da alma é roubado, siga a luz e preste a atenção nas sombras, elas sempre mostram em que direção segue a maldade do coração dos velhos homens.

Então tudo fica escuro novamente e volto ao quarto, desta vez com uma pessoa a menos.

- Eu quero voar? Eu quero voar! Eu quero voar? Eu quero voar!

Estávamos em uma gaiola, um homem-pássaro não parava de cantar:

- Eu quero voar? Eu quero voar! Eu quero voar? Eu quero voar!

Era lindo o ver cantar...

- Eu quero voar? Eu quero voar! Eu quero voar? Eu quero voar!

- Vamos voltar para as sombras!!

Berrava o homem-pássaro

- Eu quero ser sombra! Eu quero ser sombra? – cantava o homem-pássaro

!oteiuq –

- Venha ser sombra!

?aloiag atsen uednerp et meuq etnoc eM-

-O Amor!

!!ratnac al-ivuo otinob are omoC .sotarp ós serobmat mes airetab
amu avacot zev atsed ,ratnac ed avarap oân orassáp memoh o sam ,avatse
ue euq me oãçautis an rasnep a iecemoc oãtnE

.uecerapased adot oãdirucse a e maredneca es sezul sa e soded so
ielatse ,otnac ues moc riartsid em aidop oãN

- Apague a luz! Apague a luz? Apague a luz! Apague a luz?
- Olhe ao seu redor? Não percebes?
- Estou preso? Estou preso! Estou preso?
- Agora me fale de seus sonhos? – perguntei.
- Eu não sonho! Eu não sonho? Eu não sonho!
- Entendo!

Entrei em um tornado que passava, ele eram bem mais rápidos que os trens, muito mais confortável que um carro e bem menos barulhento que um ônibus, tinha muitos estilhaços e bagunçava meu cabelo, por mais careca que eu fosse. Mas eu não me importava com isso, agora tudo estava fazendo sentido, iria falar com o meu próximo suspeito, este crime foi o mais fácil de todos que eu já resolvi.

Volto à sala e agora mais tumultuado do que nunca, um peixe com perna de gente e coelhos com cara de pessoas, cachorros falantes, gatos pelados, pássaros sem asas, árvores que falam, comida que come... e o que é aquilo que passou aqui correndo? Um palhaço dançante da babilônia que chora seus pesares por ter perdido o riso em uma aposta com outros palhaços suíços que nasceram na Bélgica e viveram sua infância na França que cantam e choramingam por serem sem graça e que ganharam a graça daquele palhaço sem graça?

E de repente um grande livro de matemática que com sua arrogância apaga tudo e todos da sala, pega a arma que estava em cima da mesa e diz:

- Pare de sonhar! Sonhos são irracionais e incoerentes, vamos calcular!

- Então é você! – Logo aponte para o livro que me apontava à arma.

- Sim, sou eu! – Disse segurando mais fortemente a arma. – Sou eu quem destrói seus sonhos, sou eu quem cria pesadelos, sou eu o responsável pela sua vida ser o que é! Eu crio problemas, infernizo sua criatividade e esmago o seu caráter, sou eu quem transforma os gênios em burros, as mulheres em prostitutas, e sou eu quem destrói todos os contos de fadas, a inocência e a felicidade. Pois tudo que falo é certo e não há meios de provar ao contrário, se não vira um grande absurdo matemático!

- Por que faz isso?

- Porque eu tenho esse poder! Eu sou a física, eu sou a biologia, eu sou a química, eu desminto crenças, eu retiro a pureza, eu crio a ganância, eu quantifico o egoísmo e eu crio a maldade dos corações dos homens. Eu sou a matemática eu estou certo e todo o resto que a mim não faz parte eu debocho e ironizo e eu digo que são todos inferiores... assim como você.

- Mas eu não entendo... eu...

Então a matemática me deu um tiro no meio da cabeça e de repente acordei com terno e gravata, com um enorme chapéu escrito: O cara mais burro do mundo. Próximo a mim, havia vários outros com o mesmo chapéu, todos nós olhávamos para um canto de uma parede cinzenta e mofada e apertávamos parafusos conforme o manual de instruções!

ULISSES NEVES CORRÊA tem 24 anos, estuda Física no Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais e ultimamente tem tentado seguir uma carreira de escritor. Tem publicado um conto (Mais um dia – no livro Conto Converso), além de outros dois contos: Namoradeira na Amazon para o festival Brasil em Prosa de 2015 (Conto não selecionado) e em sua página [facebook.com/uncmeuscontos](https://www.facebook.com/uncmeuscontos) A Guerra. Vem nos últimos três anos construindo uma carreira de escritor junto com a de Física para trabalhar no ramo do cinema e novas tecnologias para o entretenimento e Audiovisual.



The Elephant Man
(O Homem Elefante)
1980
Dirigido por David Lynch

PROMOÇÃO

Por Eric Novello

Gabriela estava exausta. Apoiou os braços no balcão do bar e sentiu os pelos dourados grudarem no ranço de mais um dia de trabalho. Não precisava de espelho para saber que a maquiagem estava borrada e o cabelo desarrumado como se alguém houvesse enfiado sua cara em uma máquina de lavar roupa e batido a tampa com um toque de sadismo.

Se Armando houvesse explicado meses atrás a trabalhadeira envolvida em gerenciar o Neon Azul, Gabriela teria pensado duas vezes em aceitar a promoção. Apresentar seu número e conversar com os clientes era muito menos cansativo.

Mas certas decisões na vida não têm volta, e essa era uma delas. Ela sabia, mesmo sem perguntar, mesmo que ninguém tivesse lhe falado. Aquele bar no centro do Rio de Janeiro tinha sido sua segunda casa por mais tempo do que conseguia se lembrar. Nele, afogava suas mágoas, construía amizades que a apoiavam nos dias difíceis. E duvidava que fosse se livrar dele justo agora que havia largado o palco e os quartos para botar ordem na bagunça dos outros.

A pior parte, por enquanto, era cuidar da casa depois de encerrar o expediente. Colocar para fora os últimos clientes, garantir que os funcionários saíssem dentro do horário – nem tanto por eles, mas por ela – e fechar o livro de contabilidade. Quando os três andares do Neon Azul se encontravam cheios, a noite era festa. O tempo passava que nem sentia. Com eles vazios, Gabriela se arrepiava inteira, como se estivesse largada em uma casa assombrada – provavelmente por fantasmas muito bêbados. Uma sensação até então desconhecida.

Mandou que o barman fosse embora de uma vez e seguiu para o mezanino, onde ficava a gerência. Suas panturrilhas doloridas reclamaram a cada degrau da escada de vidro. Ainda precisava se acostumar com a sensação de olhar através deles. Gostava mais da segurança da escada de pedra que um pequeno incidente havia levado pelos ares na época de Armando.

A sala também tinha o chão e as paredes transparentes. Era dali que controlava o que acontecia no primeiro piso do Neon. Pelo monitor de vigilância, prestava atenção no restante. Ou prestaria, se ficasse lá dentro o tanto que deveria. Mesmo depois de pegar o jeito, de aprender a gerenciar um bar desse tamanho, preferia perambular pelos andares, acompanhar de perto as apresentações, descobrir na conversa jogada fora as necessidades dos clientes.

Mas havia os números, o dinheiro para contar, as contas para

fechar. E era a isso que se dedicaria agora.

Ou assim teria feito se Ícaro não houvesse aparecido de surpresa na sua porta.

“Vai passar a noite aqui?”

Gabriela mal havia se sentado. Estava de costas, cadeira girada no sentido oposto à mesa, olhando para o palco que havia ocupado com seu talento nos áureos tempos. Tomou um susto e levou a mão ao coração. Aproveitou para ajeitar o decote do vestido dourado que tinha se tornado quase um uniforme.

“Ai, menino. Você parece que flutua. Quer me matar de susto?”

Ícaro respondeu com um sorriso torto, escorado na porta. Estava todo de preto, o cabelo com gel parecendo mais suado que qualquer outra coisa.

“Vê se come direito pra fazer barulho subindo isso aí”, ela apontou para a escada.

Ícaro deu dois passos para trás. Pisou na plataforma que ligava à escada à sala da gerência e brincou com a sinfonia de ruídos da estrutura de sustentação.

“Você que estava distraída. Não quis te assustar.”

“Mas já assustou. Senta aí, o que você quer?”

Ele preferiu permanecer de pé. Jogou uma caixa sobre a mesa, na frente dela. Era quadrada, pequena, e estava embrulhada para presente. Sob o laço de fita vermelha, havia um cartão.

“Encontrei no andar de cima. Encheram a mesa de lantejoulas douradas e deixaram ele no meio.”

“Será que esqueceram?”

“Dá uma olhada no cartão.”

Aí tem, pensou Gabriela, antevendo problema. Tudo o que queria era ir para casa, limpar a maquiagem do rosto e tentar dormir até o meio-dia. Puxou o cartão pela ponta. A frente e o verso eram brancos, lisos, sem qualquer ilustração ou relevo. Ao espiar o miolo, reconheceu a letra que aprendera a temer recentemente.

Para minha Santa Gabriela.

Santa, ela ria se não fosse o nervoso. Cada um com suas referências.

“Admirador secreto?”, perguntou Ícaro. Havia entendido há muito tempo que, no Neon Azul, nada acontecia por acaso. A casa funcionava sob uma lógica própria, perceptível apenas para quem soubesse abdicar da razão. Quando chegou ali, se sentiu um tremendo sortudo. Um garoto de programa vindo de São Paulo, diretamente de seu enterro, convidado para entreter os clientes como julgasse melhor. Mais tarde, narcolepsia passou a ser uma palavra bonita para se convencer de que Armando, o antigo gerente do bar, não o havia trazido de volta dos mortos.

Uma segunda chance, uma segunda vida, e uma dívida que jamais conseguiria saldar.

“Não vai falar nada?”

“Falar o que, menino?”

“Porque ficou pálida de repente.”

Gabriela suspirou. Deixou o cartão de lado e brincou com a pequena caixa de presente nas mãos. Seu esmalte estava descascado e mais descascado ficou quando ela tentou desatar o nó e soltar o laço.

A fita caiu rente ao Buda de porcelana que usava como peso de papel sobre a mesa. Cuidando do ângulo para não relevar demais, ela ergueu a tampa. Tirou de dentro dela um par de brincos cravejados de pedras verdes que podiam ser esmeraldas, plástico ou uma dessas pedras semipreciosas vendidas em feiras de artesanato. Gabriela pouco se importava com o valor. O significado, porém, lhe causou arrepios.

“Matou a curiosidade?”, ela os depositou na palma e se esticou na direção de Ícaro, que não se deu ao trabalho de pegá-los. “Eu tenho muitos fãs, menino. Desculpa se você não ganha presentinhos de ninguém ainda.”

Ícaro permaneceu parado, olhando nos olhos dela. Gabriela odiava quando ele fazia isso. Sentia como se pudesse ver através dela, cada manchinha de nicotina no pulmão, no canto dos dentes, cada segredo que preferia esquecer.

Ela se levantou de supetão e bateu as mãos na mesa. “Agora chega de conversa mole que são seis da manhã e ninguém merece estar no trabalho a uma hora dessas. Quero que você desça e vá embora agora. Agora”, ela enfatizou. “Se o Thales ainda estiver limpando o bendito do bar, mande ele parar e arraste ele pra fora junto com você.”

“Tava pensando em tomar um banho antes de ir.”

“Só lamento, menino. Eu quero ficar sozinha. Agora se manda. Vocês têm cinco minutos pra sair.” Ícaro não se convenceu da sua urgência. “Vai, vai, vai, que eu tô falando sério”, ela emendou. Deu a volta na mesa e o levou até a escada. Ficou parada atrás da parede de vidro como um gavião na quina de um edifício. A respiração escapou por entre os lábios quando os dois bateram a porta da rua e a deixaram sozinha. Ou não tão sozinha assim.

Gabriela tentou se acalmar. Especialista no extremo oposto, logo desistiu e mudou de estratégia. Decidiu fumar um cigarro. Acendê-lo, na verdade. Pois não havia tempo para nada além de um trago.

Usando o espelho circular sobre a mesa, tirou seus brincos e colocou o par que havia ganhado de presente. De uma gaveta, puxou o estojo de maquiagem e deu uma retocada no batom. Queria ter mais tempo, pensou. Poder arrumar o cabelo, tirar o borrão do rímel, chupar uma bala de erva-doce. Mas sabia que esperar não era do feitio dele.

Precisava descer.

Deu mais um trago. Puxou como se roubasse a alma de alguém na outra ponta. Soprou a fumaça sem se preocupar com a direção, e amassou o cigarro no cinzeiro. Com a caixa de presente em mãos, levantou o retângulo de papelão que lhe servia de fundo falso.

Embaixo dele, como imaginado, havia um dedo.

“O quarto”, disse para si. O indicador. Estava cauterizado no local do corte. Limpo porque assim havia dito a ele. “Não gosto de sangue, me dá tontura só de pensar.” E ele havia atendido seu pedido nos mínimos detalhes.

Próxima à vidraça, ela o viu. Sentado à mesa em frente ao palco, as costas viradas para ela, aguardava seu pagamento. Gabriela respirou fundo e deixou a gerência. Aproveitou cada degrau para adiar o reencontro. A situação havia saído do controle. Mas como poderia imaginar que ao ouvir sua confissão, seu desabafo sobre o chantagista que vinha lhe importunando, o padre assumiria para si a missão de livrá-la do problema?

“Eu poderia conversar com ele, se quiser”, tinha dito no confessional. “Ajudá-lo a entender o mal que está fazendo a uma pessoa de intenções tão puras.”

“Só quero que ele desapareça de uma vez”, Gabriela respondeu sem pensar. Se referia ao problema, não? Sempre que a culpa a atormentava, se pegava refletindo sobre suas palavras exatas naquela conversa. O momento em que havia sentenciado o chantagista e firmado o acordo com o padre. Mas o que ela poderia ter feito? Se o maldito contasse o que sabia ao dono do bar, Gabriela perderia a promoção, o emprego. Perderia a vida que havia construído em torno do Neon Azul. “De uma vez não, aos pedacinhos.”

“Posso fazer isso também.”

Ela se lembrava da risada, da graça que havia achado do seu requinte improvisado de crueldade. Nunca fora chegada a igrejas. De penitência bastava o tanto que havia sofrido. Mas aquele padre exercia certa influência sobre ela. Gostava de conversar com ele, de ter um ouvido que não a julgasse, dissesse o que dissesse. E havia também o fato de ser bonito. De como parecia atraente sem a bata, vestindo a calça jeans e a camisa xadrez que usava para perambular pelo centro da cidade.

“Transferir meus pecados a você não me parece correto”, ela havia respondido. Seu rosto corado oculto pela treliça da cabine.

“Não se preocupe com isso, minha Santa”, foi a primeira vez que a chamou assim. “Também tenho um ser iluminado pra ouvir minhas confissões.”

Haviam conversado em tom de brincadeira, um jeito de aliviar o peso do cotidiano, simplesmente. Ou era nisso que preferia acreditar ao deitar a cabeça no travesseiro. Como poderia imaginar... Como poderia?

Como se não bastasse um erro, cometera dois. Sentia-se próxima do padre àquela noite. No sentido físico, grudada na parede do confessional para ouvir a voz mais de perto, registrar os ruídos de sua respiração. E num sentido espiritual que deixou suas coxas formigando. Em um momento de ousadia, decidiu testar os limites da intimidade cultivada entre os dois.

“O que posso oferecer em troca pela ajuda?”, perguntou.

O silêncio que veio em seguida a encheu de arrependimento. Havia estragado tudo. Perdido o seu amigo noturno. Mas então ouviu a risada, ou o que parecia uma risada meio morta, similar ao rosnado nicotínico dos fumantes. “Sua dança”, ele falou.

A resposta a pegou de surpresa. O que esperava, afinal? Tratou de recolocar a conversa nos trilhos. Disse que um padre como ele não merecia uma dançarina como ela. Tentou imaginar o padre entrando no Neon Azul, não conseguiu. Imaginou-se apresentando seu número favorito em sua casa. O que ele acharia do papel de parede descascando nos cantos. Depois, se imaginou na sacristia. Se perguntou o quanto de pais nossos e aves marias seriam necessários no fim da dança para zerar sua conta. Se perguntou acima de tudo se ele aceitaria continuar se encontrando com ela. Ouvindo seu desabafo. Não queria perdê-lo.

E no meio de suas dúvidas, ele respondeu: “Cabe a nós e a mais ninguém decidir o que merecemos em nossa vida.”

Passou dias sem aparecer na igreja. Quando decidiu voltar, não encontrou o padre. Havia saído em um retiro, lhe disseram. Algo a ver com concílio. No meio tempo, o chantagista também desapareceu.

Em outra época, teria acreditado ser uma coincidência. Fim do mercúrio retrógrado. No universo se alinhando para aliviar sua barra, indicar caminhos. Era um de seus passatempos favoritos, prestar atenção nas rimas, na sincronicidade.

Recebeu o primeiro dedo poucos meses depois. O dedo mínimo com a tatuagem de estrela, para não haver dúvidas. Junto a ele, um convite para a dança.

Agora, ali estava ele. Invadindo sua segunda casa. Maculando o único espaço que julgava ser impenetrável para sua insanidade.

Gabriela contornou as mesas e subiu no palco. Não havia som, não havia luz. Apenas ele e ela e mais ninguém. Ele, com a camisa quadriculada, cabelo penteado para o lado, óculos vermelhos e redondos ocultando os olhos. Ela, vestindo o peso de mais um dia de trabalho. Os brincos de pedras verdes pendurados nas orelhas. A culpa que não se extinguia mordendo os calcanhares na altura da fivela do salto alto.

“Achei que havia me abandonado”, ela falou. As palavras saíram com a confiança conquistada em anos de palco. Ele não disse nada. Não moveu um músculo sequer. Ela prosseguiu: “Estava com saudade.”

“Ó, minha santa”, ele respondeu após mais um instante de silêncio. Abriu a pasta que deixara no pé da cadeira. Tirou dela uma bíblia de capa preta e a colocou sobre a mesa. “Mentiras triviais não combinam com a beleza dos seus lábios.”

As pernas fraquejaram. Gabriela recuou discretamente e se escorou no mastro de pole dance. Inclinou-se de leve para baixo como quem ensaia um passo, recuperando o fôlego e um mínimo de

autocontrole.

“Como posso alegrar meu padre esta noite?”

Ele se inclinou novamente para mexer na pasta. Pegou um papel branco e delicado, e o desembrolhou junto à bíblia. Os olhos dela se encheram de lágrimas ao ver os finíssimos espetos de bambu que ele continha.

“O de sempre, minha santa. Nem uma nota a menos, nenhum movimento a mais, e a noite correrá como deve.”

“Claro.”

Com um sorriso gentil, ela desceu do palco. Puxou o vestido para cima, prendendo-o nas ancas e andou até o visitante. Pois dois dedos na boca, beijou-os, e os levou à boca do padre. “Venho já.” Deixou-o ali, parado e desviou discretamente na direção do bar. Alcançou a garrafa de uísque que Thales deixava estrategicamente embaixo do balcão, para bebericar escondido, e pensou no que estava prestes a fazer. Precisava somente de um golpe certo na cabeça. Firmou os dedos em torno do gargalo, puxou a garrafa e se virou.

O padre tapou sua boca com uma das mãos. Com a outra, a desarmou. Gabriela encarou as lentes vermelhas. Seu reflexo amedrontado tremia sem parar.

“O arrependimento é um passo importante para a absolvição”, ele cochichou perto do seu rosto. “Não se envergonhe dos seus atos. Eles não serão levados como uma traição. Agora...”, ele arremessou a garrafa para trás, e ela se espatifou em algum lugar próximo a entrada. “Você cumprirá o combinado, e nenhum de nós terá que se sentar com seu chefe de terno branco para conversar.”

Ele pediu que ela confirmasse com a cabeça que havia entendido, e assim ela fez. Sem virar para trás, caminhou de volta à mesa e se sentou, esperando. Gabriela engoliu em seco. Foi à mesa de som e colocou a música que havia se repetido das vezes anteriores. Aproveitou a introdução do piano e passou pelo padre, desfilando segurança improvisada e um belo rebolado. Era uma artista acima de tudo.

Com a voz de Bessie Smith ao fundo, se posicionou atrás do microfone e cantou como se sua vida dependesse disso.

De fato, dependia.

Oh Lord, a good man is so hard to find.

Diante dela, o padre introduziu os finíssimos espetos de bambu sob as unhas.

O sangue dele escorreu junto com suas lágrimas.

Faltam apenas seis encontros, Gabriela pensou consigo.

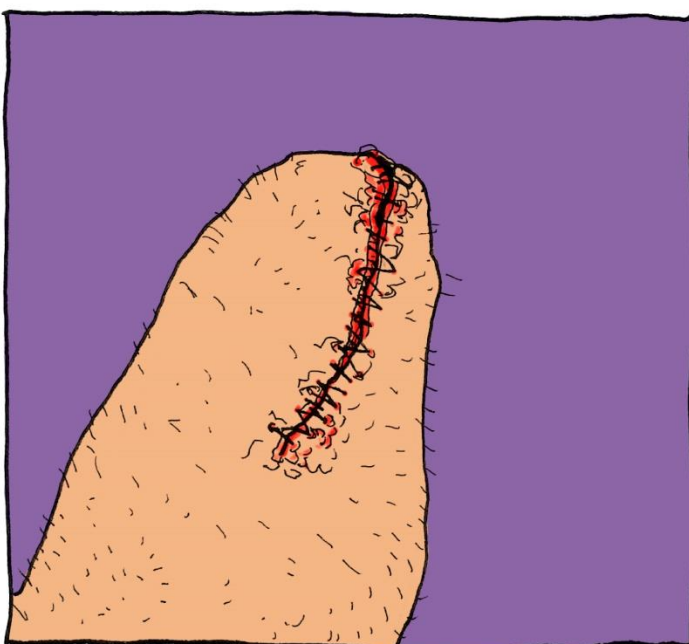
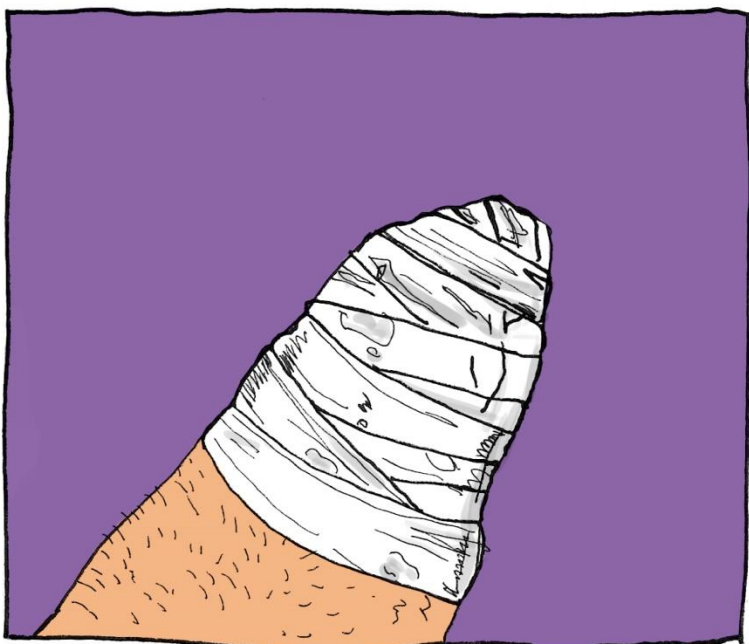
Seis dedos do chantagista, embrulhados para presente. Seis dedos do padre, perfurados em sua autoflagelação, e estaria livre.

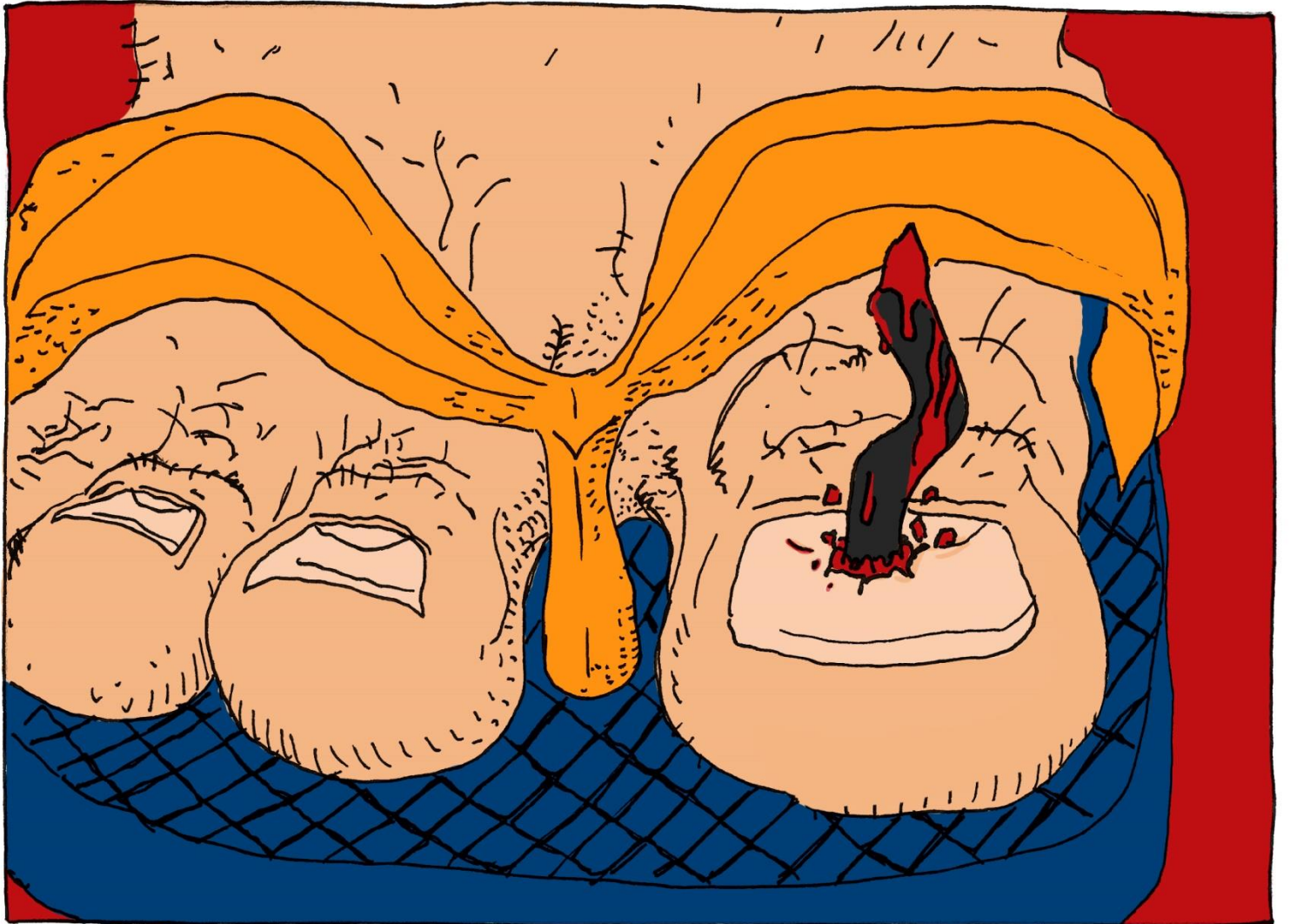
A dança, um pequeno preço a pagar.

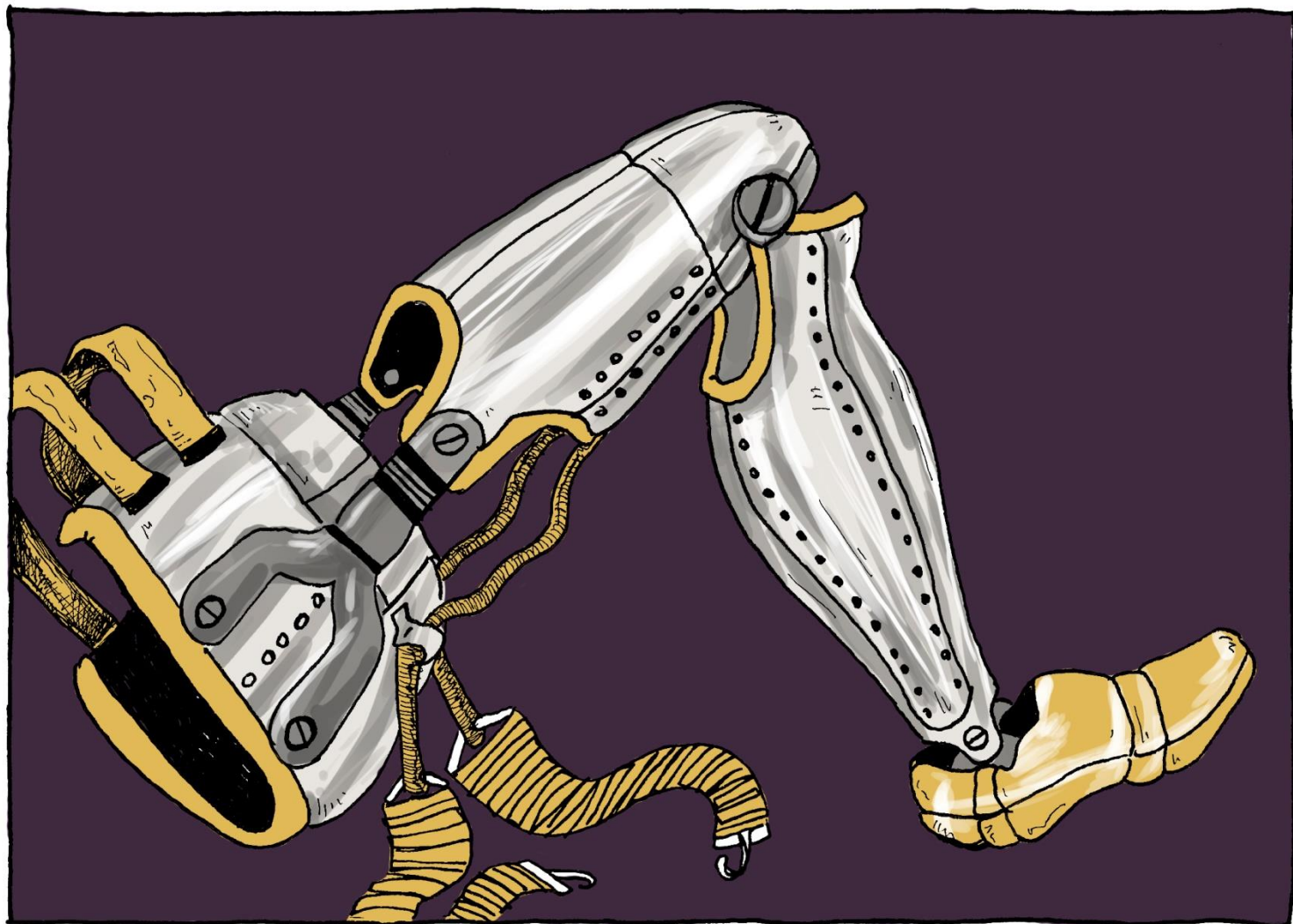
ERIC NOVELLO é autor e tradutor. Seus livros mais conhecidos são Neon Azul, e Exorcismos, Amores e Uma Dose de Blues. Coleciona cactos e suculentas, é dono de um maine coon chamado Odin e adora passar as horas vagas em seu PlayStation, não dispensando uma boa luta de Mortal Kombat nem um rolezinho em Arkham.



"rapsódia"
por
valter do carmo moreira

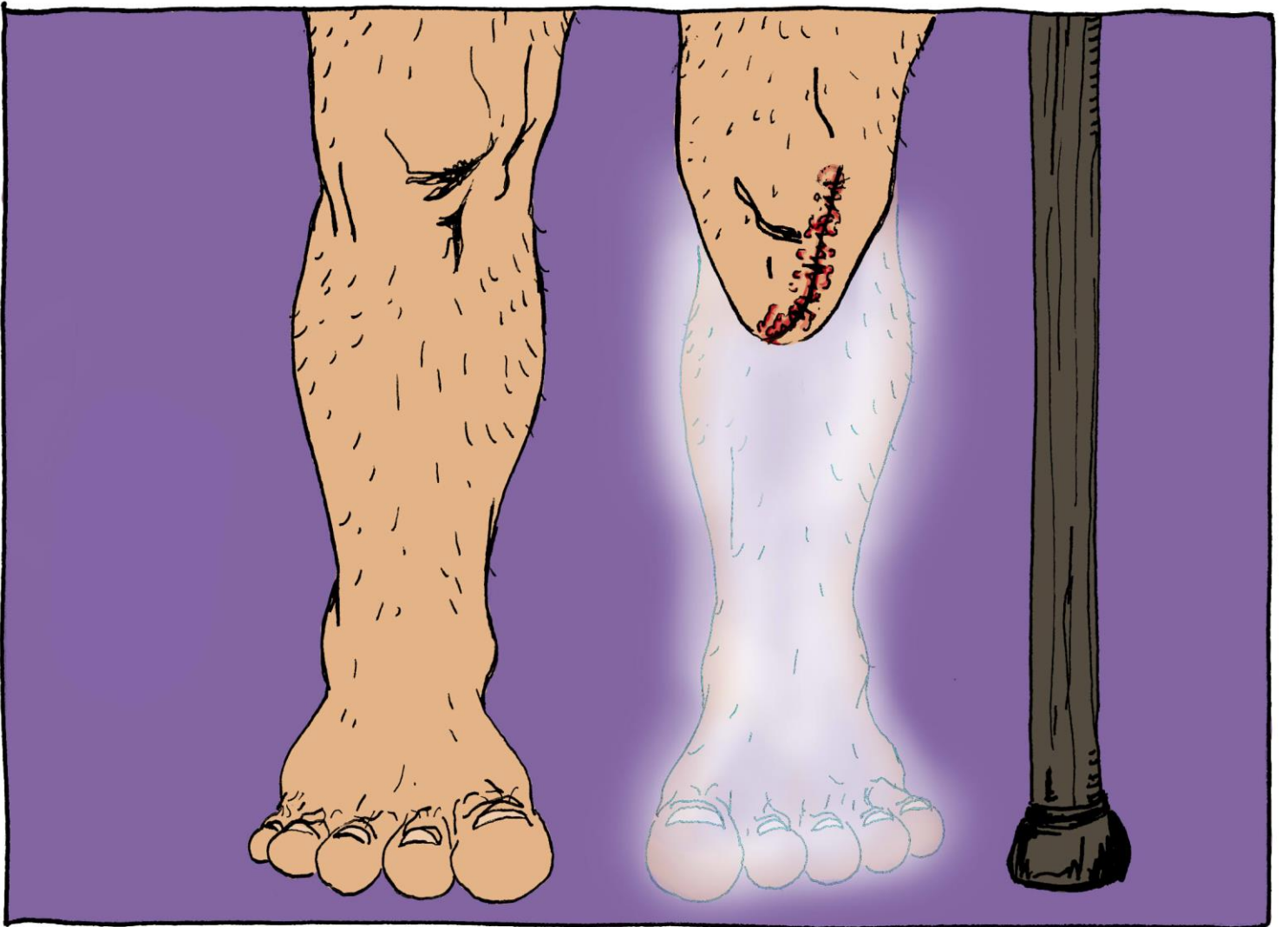
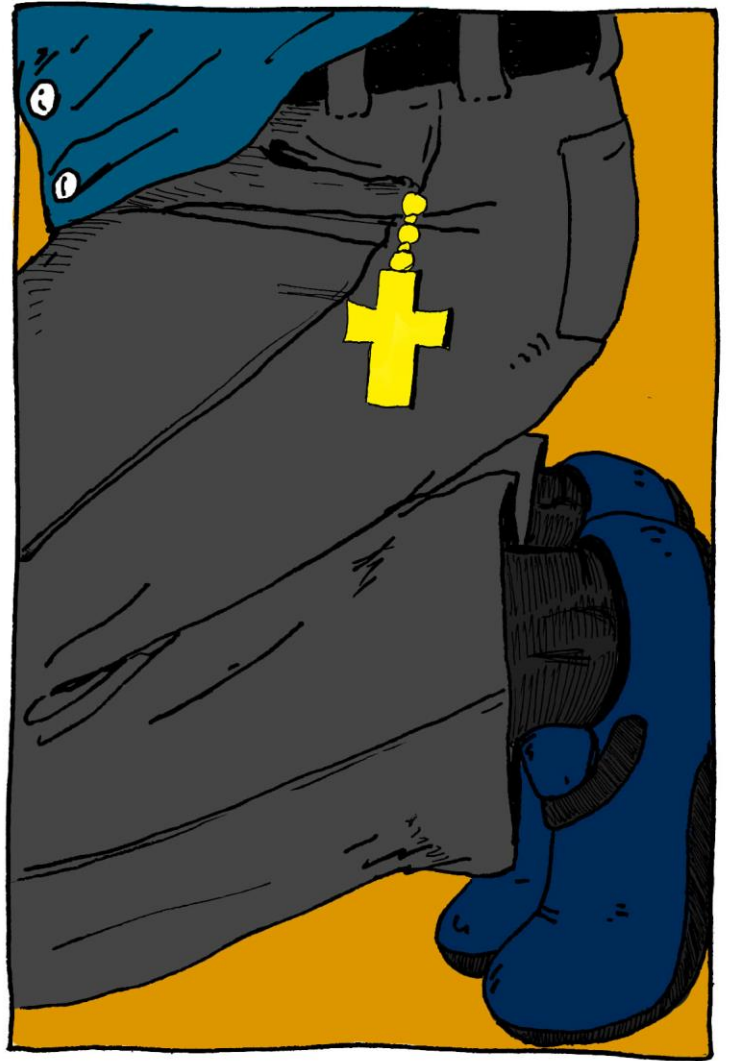
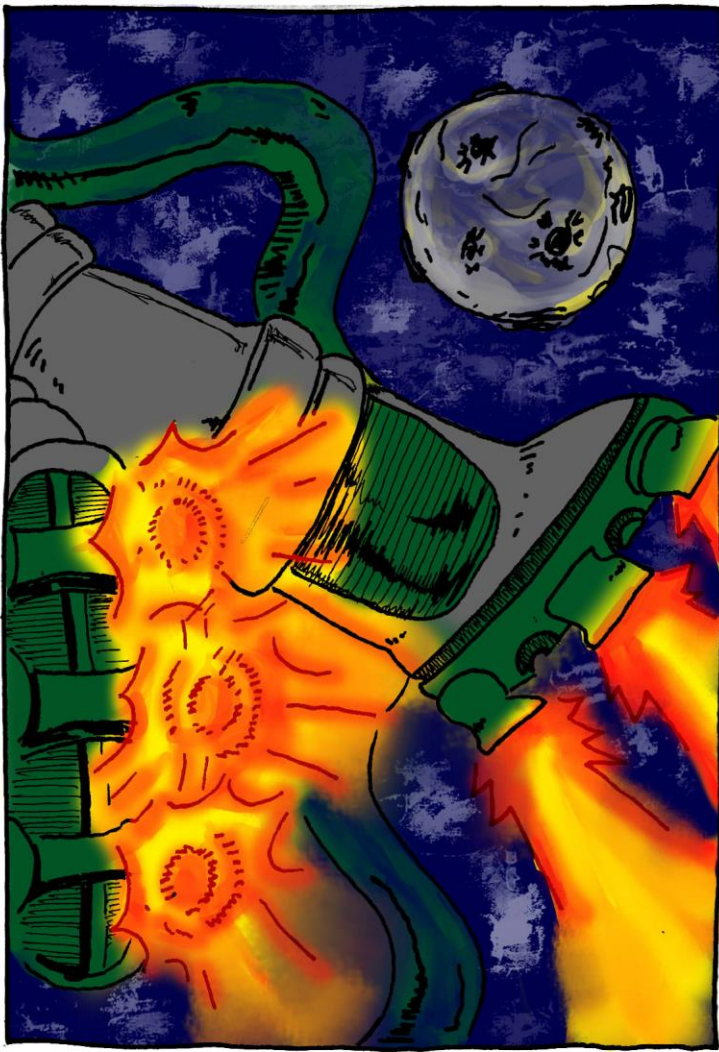


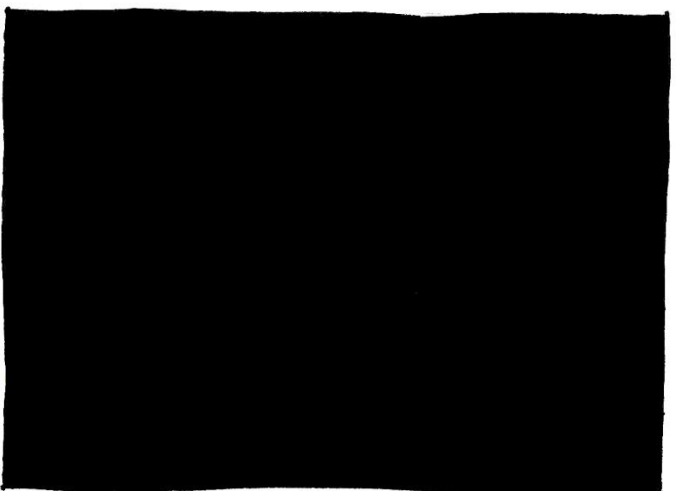
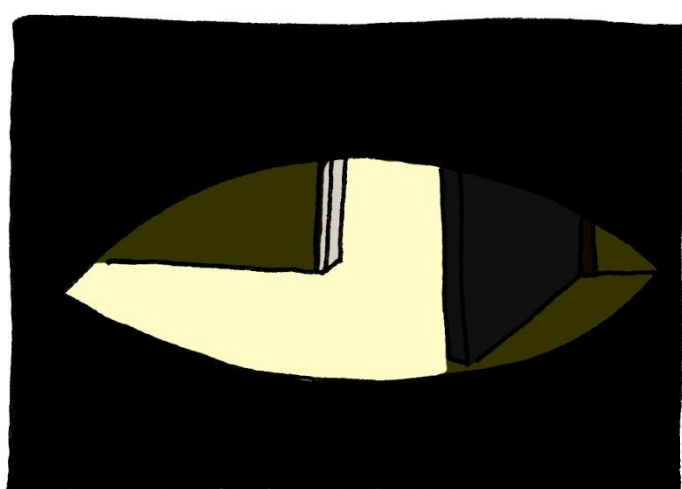












VALTER DO CARMO MOREIRA é Professor, pesquisador e autor de histórias em quadrinhos, e também artista plástico. Escreveu e desenhou a HQ independente: *Inconcebível* (Amazon/Cosmic 2014). Realizou a exposição: *Entre eu e o outro: Um estudo sobre a figura imagética de Jorge Luis Borges* (2014). Portfólio e pesquisas no site: inconcebível.wordpress.com.

TEMA DA PRÓXIMA EDIÇÃO:
SUSPENSE/ALFRED HITCHCOCK

Suspense, o momento em que nos ajeitamos na cadeira (caso estejamos assistindo a um filme), devido a tensão, ou que faz com que viremos páginas de livros alucinados, uma técnica narrativa dominada com maestria pelo diretor inglês Alfred Hitchcock, assim como na literatura por grandes escritores – Mario Vargas Llosa, Mario Puzzo, Ken Follet, entre outros.

Hitchcock, aliás, definia suspense como uma situação em que o personagem não sabe o que o espera, mas o público sabe.

São contos com cenas desse tipo que queremos na próxima revista.



